

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE ASSU - CAA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**ROGÉRIO ALVES ROSA**

**LITERATURA DE CORDEL COMO JANELA ABERTA NUMA SALA DE AULA DO  
SEMIÁRIDO BAIANO: PELA (RE)AFIRMAÇÃO DA NORDESTINIDADE DOS  
NOSSOS ALUNOS**

**ASSU  
2023**

**ROGÉRIO ALVES ROSA**

**LITERATURA DE CORDEL COMO JANELA ABERTA NUMA SALA DE AULA DO  
SEMIÁRIDO BAIANO: PELA (RE)AFIRMAÇÃO DA NORDESTINIDADE DOS  
NOSSOS ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Assu, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Afrânio Câmara Pereira

**ASSU  
2023**

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

R788I ROSA, Rogério Alves

Literatura de Cordel como Janela Aberta numa Sala de Aula do Semiárido Baiano: pela (Re) Afirmação da Nordestinidade dos Nossos Alunos. / Rogério Alves ROSA. - Assu, 2023.

106p.

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Afrânio Câmara Pereira.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Cordel. Semiárido. Nordestinidade. I. Pereira, Francisco Afrânio Câmara.  
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**ROGÉRIO ALVES ROSA**

**LITERATURA DE CORDEL COMO JANELA ABERTA NUMA SALA DE AULA DO  
SEMIÁRIDO BAIANO: PELA (RE)AFIRMAÇÃO DA NORDESTINIDADE DOS  
NOSSOS ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Campus Assu, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela Banca Examinadora em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Afrânio Câmara Pereira/UERN - Orientador

---

Profa. Dra. Lilian de Oliveira Rodrigues – Examinadora Interna

---

Prof. Dr. Antônio Loureiro da Silva Neto – Examinador Externo

Dedico este trabalho à minha esposa e a meus dois filhos: Elirhianna e Rilson.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por mais uma importante conquista em minha vida.

À minha família, pela força e compreensão nos momentos mais difíceis.

Ao professor Afrânio Câmara pela paciência e incentivo em todos os momentos.

Aos amigos e amigas, que aprendem e ensinam a cada dia o sentido da esperança, da luta e da persistência.

Aos colegas de turma que me ensinaram a importância da amizade e da cumplicidade nos momentos mais difíceis da jornada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Cheguei no sertão para ver a seca. Eu queria a natureza bruta. Era um sentimento estranho – eu procurava o que entristece as pessoas. Chovia. Tivemos que alugar um carro e perseguir a aridez. Levar fábulas na imaginação, pensando na alegórica terra rachada. Mas a paisagem sertaneja pode ser paradisíaca. Sobre o inusitado, precisávamos de predicados aderentes. O que parecia frustração tornou-se o rasgo conceitual do projeto “De repente é verde o sertão”.

**Brígida Baltar (Caderno da Exposição Sertão Contemporâneo, 2009)**

## RESUMO

O nordeste, via de regra, sempre foi visto e citado como uma região hostil, onde o clima quente e a vegetação da caatinga contribuem para esta visão distorcida, particularmente no que diz respeito ao semiárido. É preciso, pois, desmistificar esta ideia errônea sobre a citada região e demonstrar o quanto ela é rica e diversa, representando oportunidades e grande potencial. Temos como cenário uma escola localizada no semiárido baiano e como personagens alunos de 8º ano que vivem na região e sofrem com a forma como é visto o local onde moram. É nesse contexto que surge a literatura de cordel como uma janela possível para contrastar com a imagem pejorativa e equivocada sobre o semiárido nordestino, e de forma mais contundente, o semiárido baiano. O desafio proposto foi enveredar nos encantos do ser(tão) nordestino, através de versos de cordéis que retratam a riqueza, as potencialidades e as oportunidades que a região oferece. Nosso objetivo maior é demonstrar aos alunos que existe um nordeste cheio de oportunidades, promissor, capaz de orgulhar os seus habitantes. As vozes dos cordelistas, neste estudo, retratam uma parte importante da história da literatura popular da região e fornecem pilares capazes de (re)significar o semiárido nordestino. Na intervenção, as atividades são desenvolvidas através de oficinas de leitura, sugeridas pelos estudos do letramento literário de Cosson (2007) e o cordel no cotidiano escolar de Pinheiro e Marinho (2012). Além dos citados autores, a invenção do nordeste e outras artes de Albuquerque (2011) contribuiu muito para que pudéssemos apresentar um nordeste diferente, capaz de se reinventar continuamente. As oficinas não puderam ser realizadas com os discentes pelo momento pandêmico que enfrentávamos na época. Os possíveis resultados dessa ação interventiva (simulada), com o uso do cordel nas atividades letivas apontam para a (re)afirmação da nordestinidade dos nossos alunos, libertando-os de falas e impressões preconceituosas propagadas sobre a nossa região.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel. Nordeste. Nordestinidade. Semiárido baiano.

## ABSTRACT

The northeast, as a rule, has always been seen and cited as a hostile region, where the hot climate and the caatinga vegetation contribute to this distorted view, particularly with regard to the semi-arid region. It is therefore necessary to demystify this erroneous idea about the aforementioned region and demonstrate how rich and diverse it is, representing opportunities and great potential. We have as a scenario a school located in the semi-arid region of Bahia and as characters 8th grade students who live in the region and suffer from the way the place where they live is seen. It is in this context that cordel literature emerges as a possible window to contrast with the pejorative and mistaken image of the northeastern semi-arid region, and more forcefully, the semi-arid region of Bahia. The proposed challenge was to embark on the charms of being (so) northeastern, through verses from strings that portray the wealth, potential and opportunities that the region offers. Our main goal is to show students that there is a northeast full of opportunities, promising, capable of making its inhabitants proud. The voices of the cordelistas, in this study, portray an important part of the history of popular literature in the region and provide pillars capable of (re)signifying the northeastern semi-arid region. In the intervention, activities are developed through reading workshops, suggested by studies of literary literacy by Cosson (2007) and cordel in everyday school life by Pinheiro and Marinho (2012). In addition to the aforementioned authors, the invention of the northeast and other arts by Albuquerque (2011) contributed a lot so that we could present a different northeast, capable of continually reinventing itself. The workshops could not be held with the students due to the pandemic we were facing at the time. The possible results of this (simulated) interventional action, with the use of string in teaching activities, point to the (re)affirmation of our students' northeasternity, freeing them from prejudiced speeches and impressions propagated about our region.

**Keywords:** Literature of twine. Northeast. Northeasternity. Bahia semi-arid region.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>09</b>
<b>2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL E SUA IDENTIFICAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Cultura popular e o Cordel ....</b>	<b>18</b>
<b>2.1.1 O Cordel e a Cultura nordestina.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Uns versus Outros e Flores de Umburana .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.1 <i>Cante lá que eu canto cá</i> .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.2 Breves palavras sobre a concepção de Nordeste.....</b>	<b>31</b>
<b>3 REPENSANDO O SEMIÁRIDO NORDESTINO E A PRESENÇA DA LITERATURA POPULAR .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Um novo olhar para o semiárido baiano .....</b>	<b>36</b>
<b>3.1.1 Uma escola militar no semiárido baiano.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 A literatura de cordel nesse cenário.....</b>	<b>41</b>
<b>3.2.1 O cordel em terras áridas .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2.2 Em áridas terras: o que pode o cordel em sala de aula.....</b>	<b>48</b>
<b>4 METODOLOGIA: O PLANEJAMENTO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS.....</b>	<b>53</b>
<b>4.1 Cordel – <i>corpus</i> da pesquisa.....</b>	<b>55</b>
<b>4.2 A preparação das oficinas com a Sequência básica .....</b>	<b>56</b>
<b>4.3 Proposta de aplicação.....</b>	<b>57</b>
<b>4.4 Refletindo sobre possíveis dados e resultados .....</b>	<b>76</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>84</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Crescemos ouvindo a frase “O sertanejo é antes de tudo um forte” (Euclides da Cunha, 1982, p. 47). Não tínhamos dimensão do quanto esta frase teria um significado tão importante em determinada fase da nossa vida. Hoje sabemos que o sol escaldante que faz o suor escorrer de forma intensa pela face do sertanejo, representa tão bem o semiárido quanto as gotas de suor representam a bravura e a persistência de um povo que aprendeu a superar as intempéries naturais e enxergar, em meio a tantas dificuldades, um horizonte promissor e uma vida mais amena. Colocamo-nos como um sertanejo, baiano, professor que desde muito cedo teve o sol como parceiro na nossa trajetória e que buscamos tê-lo como aliado na vida pessoal e na vida profissional. Dizer que foi fácil, não seria uma verdade. Primeiro como discentes em terras áridas, o que não é uma tarefa agradável. O estudar, geralmente, não é uma atividade prazerosa, ainda mais na infância e adolescência, quando a vida fora da escola se mostra mais dinâmica e atraente. Aulas em salas extremamente quentes e uma paisagem no horizonte repleta de árvores de galhos retorcidos, cactos e uma luminosidade que torna o encontro das montanhas com o céu uma tonalidade opaca, característica dos dias mais escaldantes. Depois como professores, ainda em salas extremamente quentes e nos vendo refletidos nos alunos, que assim como nós, devem pensar e vivenciar tudo aquilo que vivenciamos outrora.

O tempo passou. O sertanejo continua sendo um forte. O sol continua brilhando de forma intensa na região que escolhemos morar e sobreviver. As salas de aula continuam quentes, exceto naquelas escolas que conseguiram *climatização*. Fora delas a realidade do solo castigado pela “quentura”, como diriam os mais velhos, ainda é uma realidade. Não podemos dizer que a paisagem ainda é a mesma, pois o solo carregado de sais minerais que tornam as terras do semiárido impróprias para a plantação, deu lugar agora a grandes construções: prédios, asfalto, concreto. Concreta mesmo é a realidade de que muitos lugares permanecem da mesma maneira: solo infértil, galhos secos, retorcidos, horizonte opaco. É o retrato do semiárido, que no seu maior contexto demonstra que nas intempéries nascem desbravadores, transformadores de histórias que muitas vezes não possuem finais felizes, mas processos de aprendizagem que conseguem mudar vidas e que

demonstram cada vez mais que a educação é o caminho mais promissor, como demonstrado neste trabalho, não importando o cenário.

É nesse contexto adverso que demonstraremos um semiárido que é capaz de fazer olhos brilharem, alunos alcançarem metas, serem capazes de transformar suas vidas através do conhecimento. Acompanharemos a rotina de uma escola no semiárido baiano, as dificuldades, as maneiras de *driblar* o calor e de viver em uma região que é verão todo o ano. Veremos tudo isso pelo olhar do nordestino, pelas linhas e entrelinhas da literatura de cordel que, de forma primorosa, consegue descrever que no semiárido a vida pulsa, e de forma intensa. O cordel em sala de aula, que é tão característico da região nordeste. Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel é uma grande conquista.

O cordel, devido ao seu caráter poético, promove o encantamento, o envolvimento de seus leitores que são tocados pela fantasia das histórias contadas e recontadas, pelo humor de situações narradas, pelo formato atrativo e dinâmico das trajetórias explicitadas. A linguagem descontraída e irreverente do cordel representa o linguajar do povo nordestino que na sua vivência, aprendeu a conviver com suas próprias adversidades e buscar um lugar à sombra.

“E eu que nasci no sertão  
E no sertão fui criado,  
Estou à vontade, pois  
De casa para o roçado  
Foi através do cordel  
Que fui alfabetizado”

(Acopiara, 2019)

O cordel, no Brasil, tem uma história curiosa. Muitos dos seus primeiros escritores saíram do campo em direção às cidades, carregando consigo a esperança por dias melhores. Em sua maioria, são nordestinos pobres e semialfabetizados que, por razões variadas, conseguem publicar os seus versos. Desta forma, a poesia popular, vivenciada a princípio apenas no seio familiar e em grupos sociais à margem da sociedade, vai ganhando mais espaço, tendo uma maior visibilidade.

E na busca da representação da vivência cotidiana, a poesia popular encontra, no semiárido, o cenário perfeito para todas as histórias e sagas a serem contadas e recontadas, em um misto de realidade e humor. O cordel não só abre portas para o conhecimento. Ele embala sonhos, descortina horizontes possíveis, forma leitores, cria e recria usuários da nossa Língua Portuguesa, através, por exemplo, do

surgimento de termos e expressões vocabulares. E de tantas criações e recriações se transforma na nossa *Língua Brasileira*, com seus *toques* regionais, com uma identidade muito particular, com seu linguajar, nascido das interações entre os diversos povos que nos formaram e que nos influenciam até hoje.

A importância de discutirmos as origens da literatura de cordel pode ser medida por diversas razões dentre as quais figuram o fortalecimento de nossa identidade cultural e a valorização de nossa cultura popular enquanto espaço de manifestação cultural específica de nossa gente (LOUREIRO, 2021, p.63)

E é neste rebuliço linguístico que a nossa Língua Portuguesa se constrói e se reconstrói. A escola tem a obrigação de representar o popular, de dar voz ao linguajar mais simples, ao universo popular. As escolas continuam funcionando sem recursos, muitas delas não vislumbram mais ao longe os galhos retorcidos de uma vegetação rala, mas vivem os mesmos problemas e dificuldades impostos pela região. Os alunos do semiárido ainda continuam sendo discriminados pela região em que vivem. Semiárido é, geralmente, associado à seca, estiagem, fome, miséria. Mentaliza-se um deserto, sem água e sem vida. Porém, esta dissertação tenta demonstrar que no semiárido a vida pulsa de forma mais intensa, na busca pela sobrevivência e na busca, através do conhecimento e das oportunidades que as terras áridas promovem, de se mudar a imagem que se tem destas terras quentes que persistem e resistem a todos os percalços e problemas.

Vivenciamos um destes cenários comuns ao sertão nordestino, tendo como referência uma escola militar com todas as suas regras e exigências. O cordel será o nosso instrumento que busca devolver a esses alunos que vivem no semiárido a autoestima, a alegria de viver em uma região, embora estereotipada, mas que apresenta grandes oportunidades de vida. Nos versos pensados e repensados da literatura do cordel, trilharemos os caminhos do conhecimento e buscaremos desconstruir a imagem equivocada de uma região que durante muito tempo foi e ainda continua sendo mal vista e desconfigurada.

Numa época em que a tecnologia ocupa os maiores espaços no nosso cotidiano, a vida simples de muitas pessoas que vivem no semiárido ainda continua cheia de dificuldades e de esperança por dias melhores, mesmo sem os aparatos tecnológicos. Nem por isso menos importante, menos intensa. A sede de viver e de sobreviver no solo arenoso e infértil é capaz de ser palco de histórias de superação e

de sobrevivência contadas, versejadas nas linhas do cordel, carregadas de vida e sabedoria popular.

Pensar uma escola atual que faça uso de aparatos e recursos didáticos mais simples, do universo popular, é uma tarefa muito difícil. O ideal, no dinamismo que a vida humana se desenvolve, é encontrar uma ressignificação para o fazer pedagógico, unindo velhas práticas educativas às novas tendências da educação. Algumas práticas e recursos educativos tradicionais não desaparecem para dar lugar a novas metodologias de ensino. Pelo contrário, se unem para reforçar o entendimento de que o tradicional com o novo precisam se unir, construindo uma interação entre os saberes clássicos e os saberes populares, projetando uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem.

A nossa pesquisa consiste na elaboração de uma proposta metodológica de uso do cordel em sala de aula, isto é, uma proposta de uso do cordel a partir da Sequência Básica de Cosson (2007). A ideia é que a proposta possa vir a ser utilizada em qualquer escola do semiárido nordestino, seja essa escola caracterizada como militar (fonte de apoio, inspiração inicial da pesquisa), pública, privada ou que apresente uma outra categorização no Ensino Fundamental. O nosso objetivo é demonstrar para os discentes que o nosso nordeste apresenta potencialidades e oportunidades capazes de orgulhar os moradores destas terras áridas.

O nosso trabalho está composto por cinco capítulos: Considerações iniciais, Um pouco da história da literatura de cordel e sua identificação com a região nordeste, Repensando o semiárido nordestino e a presença da literatura popular, Metodologia: o planejamento das oficinas pedagógicas e Considerações finais.

Nas considerações iniciais apresentamos breve teorização da pesquisa, bem como um rápido registro da sua metodologia e dos resultados alcançados. Além disso, uma sucinta apresentação da estrutura da pesquisa.

No Capítulo Um Pouco da História da Literatura de Cordel e sua Identificação com a Região Nordeste abordamos a história do cordel e o acolhimento desta literatura pela região nordeste. O cordel como veículo de comunicação no relato de casos e vivências do povo do semiárido nordestino.

No Capítulo Repensando o Semiárido Nordestino e a Presença da Literatura Popular discorreremos sobre o olhar equivocado que recai sobre o semiárido nordestino, vislumbrando um novo horizonte, através de uma proposta de trabalho com a literatura de cordel em sala de aula. Retratamos a rotina de uma escola militar localizada no

semiárido baiano. Buscamos, ainda, evidenciar a literatura popular (o cordel) como importante ferramenta pedagógica para a valorização do semiárido e dos saberes populares desta região.

No Capítulo Metodologia: o Planejamento das Oficinas Pedagógicas apresentamos o *Corpus* da pesquisa com cordéis que permeiam as temáticas (semiárido, Nordeste, miséria, mas também esperança de dias melhores), que serão vivenciadas nas oficinas propostas. Ressaltamos a preparação das oficinas baseadas na Sequência Básica de Cosson (2007). Ainda, neste capítulo, explicitaremos a proposta de aplicação das oficinas e refletimos sobre possíveis dados e resultados.

Finalmente, nas considerações finais, abordamos sobre as possíveis observações e ideias construídas a partir das ações realizadas e dos dados e resultados percebidos.

## 2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL E SUA IDENTIFICAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE

Cordel é o canto de cantos diversos,  
 A voz do poeta, que emana passados,  
 Presentes, porvires vividos, sonhados,  
 Pecados, rubores perdidos, dispersos,  
 O grito fecundo de mil universos,  
 A gesta bendita que é luz e sacrário,  
 Lembrança, desejo de ser relicário,  
 Mergulho profundo no inconsciente,  
 Cavalos do tempo correndo silente  
 Nos campos sem cerca do imaginário  
 (Haurélio, 2010, p. 07)

Sabe-se que o nome cordel surgiu através da forma que os portugueses comercializavam os textos rimados, pendurando-os em cordas nas ruas, para chamar a atenção do público, por isso essa literatura foi denominada cordéis. Por outra ótica, o cordel é visto pela semelhança de sua ação com a de contar histórias. Com o tempo esse conteúdo foi sendo transcrito para o papel, e com a modernidade passou a ser impresso. De tal modo Marlyse Meyer (1980, p.5) nos apresenta:

“Às vezes, porém, o contador pegava lápis e papel e se punha a escrever – ou a ditar – o que já estava havia tempo em sua memória, ou o que de novo inventava, ampliando um pouco o seu público. Quando surgiram as máquinas impressoras, a divulgação dessas obras de pequena tradição literária estendeu-se a um número maior de leitores: algumas eram escritas em prosa; a maioria, porém, aparecia em versos, pois era mais fácil, a um público analfabeto, decorar versos e mais versos, lidos por alguém. Esta foi a trajetória daquilo que se chamou, na França, literatura de colportage (mascate); na Inglaterra, chapbook ou balada; na Espanha, pliegosuelto; em Portugal, literatura de cordel ou folhas volantes. (Meyer, 1980, p.3)

O cordel não ficou apenas entre os portugueses, essa literatura percorreu o mundo. Câmara Cascudo (1988, p. 463) deixa claro no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que foram encontrados textos semelhantes ao cordel em diversos países, principalmente na Espanha e na França. Conforme Cascudo, os folhetos de cordel chegaram ao Brasil pelas mãos dos portugueses, que foram nossos colonizadores; as cantorias já faziam parte do nosso meio cultural; segundo o mesmo autor em meados do século XVI, os povos indígenas já declamavam suas poesias em forma de cantigas, sendo essa mais uma das características dessa literatura que chegou até nós.

Relativamente, pouco se sabe sobre a origem da literatura de cordel no Brasil e são raros os detalhes que conferem a sua chegada ao Nordeste brasileiro. De

acordo com Tavares Junior (1980, p.18), nosso Nordeste e também o Norte teriam sido as regiões que mais acolheram a novidade da oralidade de cordel trazida pelos colonizadores. Por esse motivo, a literatura de cordel foi melhor desenvolvida em nossa região, ganhando espaço e aculturação: “sua aclimatação no Norte e Nordeste, a aceitação de sua mensagem decorre do fato de que se vive nessas regiões uma ambiência social, que endossa e cultua a axiologia recebida com a colonização.” (Tavares Júnior, 1980, p.18).

O auge da literatura de cordel no Brasil aconteceu nas décadas de 30 e 50. Esta literatura chegou ao Brasil no século XVI, através dos portugueses. Aos poucos, foi se tornando cada vez mais popular, por se basear nas tradições do lugar e pelos textos em prosa que eram acessíveis ao público, e foi na região Nordeste que o cordel foi melhor acolhido pelo povo. A escritora Marlyse Meyer (1980) nos emociona e confirma nossa assertiva ao relatar algumas características do povo nordestino, recordando as famílias que se reuniam nos serões das calçadas, das moagens de cana nos engenhos, momentos em que contar e ouvir histórias representavam um momento prazeroso:

Esse costume proveio de uma longa tradição ibérica, dos romanceiros, das histórias de Carlos Magno de dos Doze Pares de França e outros grandes livros populares. Originou-se também de contos maravilhosos de ‘varinha de condão’, de bichos falantes, de bois - sobretudo na região nordestina, onde se desenvolveu o ciclo do gado”; e, ainda de histórias do folclore universal e africano - estas trazidas pelos escravos, acostumados à narrativa oral em suas terras de origem. “As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas”. Reproduziam histórias, inventando casos, improvisos, repentes, desafios e pejejas entre cantadores. “Contadores de história e cantadores de cantorias sempre estiveram associados ao mundo nordestino, no seu duplo sistema de organização: pastoril, do interior sertanejo - ao qual virá acrescentar-se posteriormente o plantio de algodão -; e agrícola, no mundo fechado da cana-de-açúcar do litoral. (Meyer, 1980, p.7).

Nos dias de hoje, podemos encontrar este tipo de literatura, principalmente na região Nordeste do Brasil, ganhando seu primeiro espaço na Bahia e, aos poucos, expandindo-se para outras localidades da região, sendo aceita pelo povo.

Como Diégues (1977, p. 16) relata:

[...] a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse

o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (DIÉGUES JR, 1986, p.40)

O cordel também se espalhou por outras regiões, devido às migrações dos trabalhadores da região do Nordeste que levavam consigo suas raízes e tradições culturais. A literatura de cordel também está presente em outros países, como Argentina, Nicarágua, México, Colômbia, Chile e Venezuela. Porém, nesses países, essa produção poética é conhecida como “el corrido”, e os versos são sempre cantados.

Em 1750 começaram a surgir os primeiros poetas populares, quando os mesmos narravam seus versos através das sagas, histórias aventureiras. Tendo-se em vista que a maioria do povo não era letrada, diante disso, a poesia de cordel foi conquistando espaço a ponto de ganhar as características próprias do lugar.

Vários escritores nordestinos foram influenciados pela literatura de cordel. Dentre eles podemos citar: Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa. Um dos poetas da literatura de cordel de maior ascensão até os dias atuais é Leandro Gomes de Barros (1865- 1918). Acredita-se que ele tenha escrito mais de mil folhetos. Mais recentes, podemos citar os poetas José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei, Ignácio da Catingueira, Antônio Francisco. Esses autores, entre outros, destacam a oralidade do cordel, em versos e rimas; as linhas da poesia ganham vida através da vivência dos povos, relatadas por esses grandes poetas, que também são conhecidos por cordelistas.

Conhecer os escritores do cordel nos deixa curiosos a respeito desse gênero. Sabe-se que a literatura de cordel é um tipo de poesia popular, originalmente oral, e depois impressa em folhetos rústicos. Os poemas são escritos em forma rimada e alguns são ilustrados com xilogravuras, o mesmo estilo de gravura usado nas capas dos folhetos. Os autores, ou cordelistas, muitas vezes recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas, em engenhos, calçadas, feiras livres, mercados públicos, convenções, trazendo certa euforia a eventos especiais ou festas da época.

O conteúdo do cordel, presente nos folhetos, nos remete a momentos dinâmicos e informativos, narrando fatos “irreais”, como também retratando a realidade em versos. Conforme afirma Xavier (2002, p. 21):

O folheto de cordel era um veículo de informação e divertimento. As ocorrências marcantes da comunidade circunvizinha, geralmente os cordelistas as registravam em forma de história em verso. Foi, portanto o cordel um veículo de comunicação importante. Mesmo os cordéis que narravam histórias misteriosas e fantásticas, não baseadas em fatos reais (XAVIER, 2002, p. 21).

Isso só nos afirma a trajetória que fez encantar a muitos, quando as pessoas eram conquistadas por essa poesia popular. Convém saber que um dos meios usado por escritores e vendedores de cordéis para atrair o público foi contrário às reuniões de cantoria. Os que antes se reuniam em rodas para contar histórias para as pessoas passaram a utilizar outros métodos. Por exemplo, nos eventos públicos: em certo ponto crucial da história, eles simplesmente param de contar, (ou cantar, sendo o caso)), e a curiosidade do público é provocada, satisfeita somente quando o público adquire o cordel. Bastava acontecer algo importante, de imediato sucesso público, que os escritores de cordel aproveitavam-se disso para que as vendas tivessem sucesso. Tal estratégia, comum às narrativas populares, ainda perdura nos dias de hoje.

Os cordelistas, de certa forma, divulgam os acontecimentos históricos do Brasil com seus versos, nos lugares onde a informação não chega com tanta facilidade, despertando assim o interesse de estudiosos no fim do século XIX e início do século XX. Mais modernamente, com o aumento da informação, a narrativa *romanceada* de certos fatos históricos começa a surgir no cordel.

Os temas mais abordados nos cordéis são as comédias, os romances, as reportagens, histórias verídicas, histórias *de assombração*, narrativas religiosas, de cunho social e político, cordéis educativos, entre outros. São temas que chamam a atenção e despertam o interesse do leitor por fazerem parte do seu cotidiano.

Hoje em dia, o cordel não é mais tão lido como antigamente, pois os meios de comunicação foram espalhando, ao longo dos anos, a cultura urbana por todo o sertão nordestino, fazendo com que os folhetos fossem deixados um tanto de lado. Mas eles não foram totalmente esquecidos e podem ser encontrados até mesmo em grandes

centros urbanos, como nas feiras nordestinas de São Paulo e outras grandes cidades brasileiras.

É incerto precisar data ou local de origem para o cordel, mas, segundo a bibliografia consultada, é possível identificar relações da literatura popular em versos com origens na península ibérica. As raízes da literatura de cordel são “[...] uma história comprida, cujas origens se misturam facilmente com os ventos da Idade Média do século V ao XVII. Foi então que surgiram os jograis, as cantigas de amigos e de amor” (ANGELO, 2007, p. 22).

Segundo o francês Cantel (1976, p. 18), cordel é a “poesia narrativa, popular, impressa.” Sendo assim, nada mais é que a narração de temas e assuntos populares feita em forma de poesia rimada, impressa em folhetos. Suassuna defende que o cordel ultrapassa as barreiras da impressão: “a minha opinião é que a palavra cordel vai para além do simples almanaque popular de poesia pendurado num barbante. Cordel é a poesia popular, impressa ou não”.

Em Portugal, a literatura de cordel recebeu esse nome, pois os textos eram veiculados em folhas expostas em varais de cordéis em frente às casas onde eram vendidos. (DIÉGUES JÚNIOR, apud PROENÇA, 1976, p. 28).

A literatura de cordel também era conhecida em Portugal como *folhas soltas* ou *folhas volantes*, que correspondiam aos *pliegos sueltos* da Espanha. Tinha ligações com a literatura popular impressa presente na França, conhecida pelo nome de *litterature de colportages* (literatura ambulante). (CASCUDO, 2001, p. 332).

Adentrar no universo cordelista é interpretar as formas de falar de um povo, povo do qual fazemos parte. Por ser uma literatura viva o cordel se refaz constantemente. O que possibilita construir um olhar diferente sobre ele.

## 2.1 Cultura popular e o Cordel

Se a reflexão teórica sobre cultura popular é recente, a vivência/produção de uma cultura diversa da cultura das elites vem desde a estruturação da sociedade em segmentos sociais diferenciados. No Brasil, o colonizador branco impôs a sua cultura, perseguindo, censurando ou simplesmente ignorando as culturas dos povos indígenas e dos africanos que aqui foram escravizados. No entanto, junto com a miscigenação racial, processou-se a mestiçagem cultural que, entre conflitos e preconceitos, provocou uma rica diversidade entre nós.

Os primeiros estudos referentes à temática no Brasil buscaram, à semelhança do que acontecera na Europa, o registro daquilo que pudesse caracterizar traços típicos de uma tradição que revelasse uma suposta identidade nacional. Era preciso registrar as tradições de cunho rural associadas ao rústico, ingênuo e genuíno e que estariam em vias de desaparecimento, ameaçadas pelo progresso. Tradições estas confinadas ao mundo rural enquanto era ignorada a produção popular urbana como vemos expresso na observação irônica a seguir. Quando o poder econômico, decisões políticas e conflitos sociais situam-se basicamente nas grandes cidades, *convém* que a cultura popular fique guardada, quietinha, no espaço rural: “essa concepção fará, por aqui, longa carreira” (MATOS, 1994, p.169).

Manifestações vivas das culturas urbanas subalternas, tais como a capoeira, o samba, o candomblé, de teor muitas vezes conflitante com a ordem instituída, são ignoradas e excluídas das pesquisas. Citamos como precursores dos estudos folclóricos José de Alencar, Celso Magalhães e Silvio Romero. Registros como o dos *Contos Populares do Brasil* (ROMERO, 2005), publicados inicialmente em 1885, são contribuições valiosas para o nosso Patrimônio Cultural. Quanto à literatura de cordel, para Romero, conforme Cláudia Neiva de Matos (1994), ela não é “genuinamente popular” por não ser de natureza coletiva, anônima, o que a “exclui do interesse folclórico”. Silvio Romero anunciava, já em 1888, a decadência do cordel, algo reiterado por outras vezes em anos posteriores que alertavam para o desaparecimento do folheto. É pertinente observar que, na atualidade, num mundo dominado pelos meios de comunicação de massa, o cordel *teima* em persistir. Ao contrário do que preconizava Sílvio Romero, a proliferação dos jornais não contribuiu para extinguir a literatura de folhetos, sendo pela interiorização das máquinas que se tornavam obsoletas nos grandes centros, que oficinas puderam imprimir a produção popular de poesia. (CARVALHO, 1994, p.69)

Assumindo em nossos dias, muitas vezes, um sentido depreciativo associado ao pitoresco, arcaico, estático, anacrônico, conservador, o folclore foi a denominação mais frequente sob a qual se realizavam os estudos da cultura popular brasileira. Definições dicionarizadas compilam folclore como se referindo a costumes tradicionais, crenças, superstições, cantos, festas, indumentárias, lendas, artes etc. conservadas no seio de um povo (sem explicitar o significado do termo). Câmara Cascudo, considerado o maior folclorista do Brasil, parece oscilar entre uma concepção conservadora, estática e outra que admite mudanças no fato folclórico em

seu verbete sobre folclore: É uma cultura popular, tornada normativa pela tradição(...) Não apenas conserva, depende e mantém padrões imperturbáveis de entendimento e ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas sequências ou presença grupal. E, mais adiante, no mesmo verbete, cultura popular e folclore se equivalem, sendo esse último: (...) a cultura popular aberta à transmissão oral e coletiva de histórias e acesso às técnicas habituais dos grupos destinada à manutenção dos usos e costumes no plano do convívio diário (...) O folclore deve estudar todas as manifestações tradicionais da vida coletiva (CASCUDO, s/d, p. 400)

Estudiosos, em geral, utilizavam-se de algumas características para definir o âmbito do folclore, tais como: delimitação de seu campo ao rural; produção anônima ou porque não era dada importância à autoria, ou porque essa era coletiva através da elaboração de diversas versões de uma obra cuja origem se perdera em tempos longínquos; tradição oral; tradições que sobrevivem do passado; ênfase na conservação das manifestações e/ou seus registros, preservando-os para posteridade em museus.

A jornada para demonstrar a importância da cultura popular começou no ano de 1927 quando o “turista aprendiz”, Mário de Andrade, faz sua primeira *viagem etnográfica*, percorrendo a Amazônia. No ano seguinte faria sua segunda viagem mas agora o destino era o também distante e pouco conhecido Nordeste do país. Enquanto diretor do Departamento de Cultura de São Paulo envia duas expedições de pesquisa para o nordeste (1937 – 1938). Amante da cultura popular, Mario de Andrade escreve no seu prefácio, Na Pancada do Ganzá:

Este não é um livro de ciência, evidentemente, é um livro de amor (...) O que vale aqui é a documentação que o povo do Nordeste me forneceu. (...) Recolhendo e recordando estes cantos, muitos deles tosquíssimos, precários às vezes, não raro vulgares, não sei o que eles me segredam que me encho de comoções essenciais e vibro com uma excelência tão profundamente humana, como raro a obra de arte erudita pode me dar. (ANDRADE, 1980, p.55 e 56)

Mário de Andrade, grande estudioso e pesquisador das contribuições da cultura popular no Brasil, deixa claro no prefácio que não se refere a um livro científico, mas ressalta a importância de registro e da documentação que o livro deveria abrigar. O registro constitui a primeira e fundamental etapa para a sistematização de estudos de manifestações das culturas populares. A utilização de equipamentos de captação

audiovisual dos quais hoje dispomos, além dos apontamentos descritivos, são ferramentas importantes também para maior divulgação das produções culturais. Fica perceptível nas palavras de Mário de Andrade seu envolvimento emocional e posicionamento diante das manifestações populares. Segundo Telê Porto Ancona Lopez, o modernista preocupado com a identidade nacional e independência cultural, intuía que as fronteiras da arte erudita nacional/arte popular são, na verdade, fronteiras de classe social, determinadas ao longo da história. Acreditará então que a arte culta, privilegiada em seu desenvolvimento, pode, ou melhor, deve, para livrar-se do peso de uma cultura importada e se tornar nacional (...) nutrir-se também dos recursos da criação popular. (LOPEZ, 1980, p.52)

A cultura popular equivale aqui a manifestações de arte popular que se opõem, por sua vez, à arte erudita. Essa oposição, segundo Mario Pedrosa, nasce com a divisão em classes da sociedade capitalista. A arte erudita, culta, a arte propriamente dita “expressa a dominação ideológica e de classe da burguesia” que com ela se identifica (PEDROSA, 1980, p.22). Ora, se uma é a arte propriamente dita ou culta ou elaborada como também foi (é) designada a arte produzida por uma elite mais intelectualizada de formação acadêmica, a outra, ou é ignorada ou não reconhecida como arte por essa elite ou ainda vista como produção de segunda categoria. Em relação ao cordel esse, ainda hoje, é visto como literatura menor. Não há como negar que as diferenças entre estas formas de manifestações artísticas refletem em parte o acesso desigual a um patrimônio cultural que não é o de uma classe, mas de todos que fazem parte de determinada sociedade. Acesso diferenciado que faz parte das condições materiais desiguais em que se movem seus criadores sem perder de vista que as denominações antes referidas revelam também uma visão elitista, preconceituosa, de classe social. Em se tratando de cordel (como, aliás, da poesia de modo geral) verifica-se a existência de uma produção de vários níveis de qualidade, o que evidencia a fragilidade da oposição culta, erudita, elaborada X popular.

Ao mesmo tempo em que confere divulgação e “status” à cultura popular brasileira, Mário de Andrade, em consonância como o Movimento Antropofágico, mesmo que imbuído de nacionalismo, antecipa o que hoje se discute sob os termos de miscigenação ou hibridismo cultural. Lamenta que os compositores brasileiros “vão na Europa, enlambusam-se de pretensões e enganos”. Não viajam pelo Brasil para extrair da riqueza da “alma coletiva do povo” o conteúdo para suas composições pois “não basta saber compor. Carece ter o que compor.” (ANDRADE, 1980, p. 56)

Um passo importante na pesquisa da cultura popular foi dado por integrantes da Universidade de São Paulo, entre eles Roger Bastide, Florestan Fernandes e Osvaldo Elias Xidieh. Entre suas contribuições, destaca-se a necessidade de estudar o fato folclórico no seu contexto sociocultural mais amplo e considerando seu caráter dinâmico. Nas palavras de Xidieh, “alguns aspectos da cultura popular podem desaparecer enquanto outros podem ser reelaborados, passando a responder às novas condições enfrentadas” (AYALA, 1987, p.40)

As contribuições acima mencionadas continuam atuais para o estudo do cordel hoje. Se, ao levarmos em conta o contexto sociocultural, focalizarmos as condições de produção tanto materiais quanto simbólicas, será necessário considerar, por exemplo, o uso do computador por cordelistas e seu acesso maior a informações possibilitado através da mídia. Quais as modificações disso resultantes? Provavelmente serão evidenciadas, entre outras, o folheto como produção capaz de atualizar-se dentro da dinamicidade cultural, já apontada pelos estudiosos acima, reelaborando informações em confronto com suas referências tradicionais, não podendo os poetas de cordel, enquanto categoria, ser classificada de forma precipitada como conservadora. .

As discussões em torno da cultura popular assumem, a partir da década de 60, uma ênfase maior na conceituação, no seu papel na luta contra o imperialismo cultural diante a influência crescente da indústria cultural sob domínio americano, na educação/conscientização do povo.

O CPC (Centro Popular de Cultura) distingue cultura popular ou arte popular de cultura do povo ou arte do povo. Enquanto a primeira é criada por intelectuais para o povo, a segunda, a arte do povo é tão desprovida de qualidade artística e de pretensões culturais que nunca vai além de uma tentativa tosca e desajeitada (...) é ingênua (...) não tem outra função que a de satisfazer necessidades lúdicas e de ornamento. (Enquanto a arte feita pelo CPC) é revolucionária pretende ser popular quando se identifica com a aspiração fundamental do povo. (MARTINS, 1987. p.45 e 46)

Evidencia-se também aqui a cultura popular não enquanto criação por parte de segmentos populares subalternos, mas sim, elaborada por uma elite intelectual e dirigida àqueles. Subentende-se uma análise marxista da sociedade que desmistifica a ideia de uma composição social homogênea contida nos termos nação e povo. Transparece também o compromisso do intelectual com ações que favoreçam

mudanças sociais. Marilena Chauí situa as expressões cultura popular e cultura do povo no contexto do populismo em qualquer de suas modalidades; paternalista ou justiceiro, o populismo é uma política de manipulação das massas, às quais são imputadas passividade, imaturidade, desorganização e, conseqüentemente, um misto de inocência e violência que justificam a necessidade de educá-las e controlá-las para que ‘subam’ corretamente ao palco da História. (CHAUÍ, 1980, p. 15)

### **2.1.1 O Cordel e a Cultura nordestina**

No século XX, a literatura de cordel já estava presente na rotina do povo Nordestino, segundo Galvão (2001. p. 35), nessa época ocorreu a montagem das “redes de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta”. No Nordeste, os folhetos de cordéis foram ganhando mais público e novos cordelistas foram surgindo, como Patativa do Assaré (1909-2002), cearense da cidade de Assaré, ele foi um poeta popular, compositor e cantor sendo uma das principais figuras da música nordestina, começou a recitar seus primeiros versos de cordéis na juventude e publicou seu primeiro livro *Inspiração Nordestina*, em 1956, e daí o cordelista começou a publicar várias obras entre livros de poesia e também fez carreira no mundo da música sendo compositor de vários sucessos.

Outro cordelista muito conhecido foi Mestre Azulão, nascido em Sapé no estado da Paraíba, foi cantador de viola e poeta de bancada, e escreveu mais de 100 folhetos. Nesse cenário também se destaca o Pernambucano Manoel Monteiro, natural de Bezerros, mas que aos 15 anos foi para a Paraíba e lá contribuiu muito para a propagação do Cordel. Graças a ele, muitas escolas, hoje, na Paraíba tem o cordel como parte integrante do currículo escolar. No Brasil, a literatura de cordel tinha uma estrutura um pouco diferente do cordel europeu, segundo Amaral Teixeira (2008, p 14): “no auge da literatura de cordel, nas décadas de 1930 e 1940, os folhetos eram uma espécie de lazer e informação, que socializava as pessoas que se uniam para ouvi-los”. Com uma linguagem coloquial e com o uso do humor, da ironia e do sarcasmo e com intensa presença de oralidade, rimas e métrica, a população nordestina foi cada vez mais se tornando leitor dessa nova forma literária, pois, se diferenciava marcadamente dos jornais impressos da época, que apresentavam uma linguagem mais formal, mais convencional. O cordel trazia uma linguagem mais

simples e de fácil compreensão, e esse fato ajudava, uma vez que grande parte da população do Nordeste era analfabeta, não sabia ler e nem escrever direito, principalmente, a população mais do interior. Outro fator para a disseminação do cordel entre a população nordestina foi o fato de os jornais impressos não chegarem às áreas mais distante ou isoladas no interior do Nordeste.

Os cordelistas contavam, e ainda narram em seus versos, contos e fábulas do povo Nordestino, também lendas urbanas do folclore brasileiro. Muitas dessas histórias contadas nos versos de cordéis foram caindo nas graças da população e a literatura de cordel se espalhou pelo Brasil, ganhando novos leitores também nas grandes cidades. Algumas histórias retratadas nos folhetos ficaram conhecidas entre os leitores, como por exemplo *Cordel (Patativa de Assaré)*, *Lampião, o capitão do cangaço* (Gonçalo Ferreira da Silva), *O cachorro dos mortos* (Leandro Gomes de Barros) e *Ave-Maria da Eleição* (Leandro Gomes de Barros). Com o passar dos anos o cordel ganha novos leitores e mais espaço sendo encontrado nas feiras livres de várias cidades. Isso mostra que o trabalho dos vendedores dos folhetos foi determinante para a disseminação desse tipo de literatura. Segundo Amaral Teixeira (2008, p. 15), “a partir da década de 1950, com a grande migração de nordestinos para o centro-sul, a literatura de cordel foi propagada nessa região”. Os estados que mais receberam nordestinos foram Rio de Janeiro e São Paulo e foram nesses estados que o cordel também ganhou espaço sendo encontrado facilmente nas feiras livres, pendurados em cordas ou barbantes.

Com muitas rimas e poesias, os folhetos de cordéis são escritos em sextilha, com estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas e também o segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si. Com a literatura de cordel também surgiu a xilogravura que significa gravura em madeira, inicialmente, era muito presente nas capas dos folhetos de cordéis. Consistia numa técnica que utilizava um pedaço de madeira para entalhar um desenho, no qual o entalhamento deixava um relevo na madeira e em seguida era utilizada uma tinta para pintar a parte em relevo do desenho e, finalmente, a impressão em papel.

No cordel a xilogravura era usada para fazer ilustrações de textos, logo em seguida a xilografia passou a ser uma técnica em que eram criados desenhos em pedaços de madeira, e com o passar do tempo a técnica da xilogravura passou a ser utilizada também em outros suportes, como os azulejos. As xilogravuras representam um importante espólio do imaginário popular pelo fato de funcionar como divulgadora

da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais. Alguns cordelistas também produziam xilogravuras, ou seja, gravavam suas imagens em madeira, como o pernambucano J. Borges, que é considerado um dos maiores cordelistas e produtor de xilogravura da atualidade.

O cordel é um, mas se divide, deixa-se moldar pelo leitor, possui uma maleabilidade de linguagens, criando a possibilidade de o escrito passar a oral, quando sua leitura se multiplica fazendo de um leitor ponte para vários outros. Isso acontece, quando os folhetos são lidos nas tradicionalmente rodas de famílias onde essa literatura é passada oralmente, inclusive para àqueles que não foram alfabetizados (Oliveira, 1999, p. 25).

O cordel passou a retratar notícias do cotidiano da população nordestina quando os cordelistas começaram a transformar as notícias em geral em versos de cordéis usando o artifício da linguagem informal e com uma certa dose de humor e sarcasmo. Os cordelistas começaram a escrever versos de cordéis para fazer críticas sociais ou protestos sobre determinado assunto. Teixeira do Amaral (2008, p. 15) afirma:

Na década de 1960, o cordel passou por uma crise, sendo o interesse por ele retomado nos anos de 1970. Mas, uma grande transformação ocorreu nessa literatura. Um público mais letrado começou a se interessar por este tipo de literatura e o cordel passou a ser uma fonte de lazer e estudo.

Segundo Abreu (1999), citado por Teixeira do Amaral (2008, p. 16):

A maior parte dos cordelistas das três primeiras décadas do século XX nasceu na zona rural e teve pouca ou nenhuma instrução formal. Os cordelistas contemporâneos, assim como os consumidores hoje, têm maior acesso à cultura letrada.

A literatura de cordel começou a influenciar grande autores da literatura brasileira, como por exemplo Mario de Andrade, Monteiro Lobato, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna e aparece materializada nas obras *Macunaíma*, *Auto da Compadecida*, *Jeca Tatuzinho* e *Morte e Vida Severina*. O cordel também teve influência em alguns ritmos musicais brasileiros, tais como o baião, o xote, o xaxado, forró, a MPB e o movimento do Mangue Beat, criado por Chico Science. Também nota-se sua influência na cinematografia e telenovela brasileiras, como por exemplo no filme “O Auto da Compadecida”, adaptado do livro do mesmo nome de autoria de Ariano Suassuna e no filme “Nordeste, Cordel e Repente”, de Tânia Quaresma. Na teledramaturgia, a Rede Globo produziu a novela “Cordel Encantado”

que foi exibida em 2011, e foi a primeira novela brasileira a ser inspirada nas histórias do cordel. Portanto, a literatura de cordel enraizou-se no imaginário popular brasileiro ao ponto de ser considerada como um exemplo de cultura popular.

Paulino da Silva (2007, p. 12) aponta que a expressão “cultura popular” é usada, com frequência, sem que se explicita o seu significado; não existe um termo definitivo para a expressão cultura popular, mas, a cultura faz parte do ser humano, todo homem tem uma cultura. Originada do latim *colere*, que significa cultivar, os intelectuais antigos de Roma usavam esse termo para se referirem à sofisticação pessoal. Segundo Melo, citado por Belo (2012, p. 46) “cultura também costuma ser associada a eventos festivos e cerimoniais de um povo, agregados aos seus costumes, registros e oralidade”. A cultura também está ligada à realidade social. Diegues Junior, citado por Assis Cavalcanti (2007, p. 21), afirma que “o ambiente sociocultural do Nordeste contribuiu para que surgisse com força a literatura de cordel, tornando-se uma certa forma uma característica da própria fisionomia cultural da região”.

Há várias editoras tradicionais ou instituições imprimindo e comercializando folhetos populares e, a cada dia, mais e mais títulos são lançados em várias mídias, que vão da reprodução por xerox até a impressão em off-set. Verdade que, como em qualquer outro gênero literário, qualidade e quantidade nem sempre caminham juntas. Mas, ao final, somente o tempo dirá quem sobreviveu às novas possibilidades.

Desde a origem, quando circulou em manuscritos ou em poemas preservados na memória de cantadores e contadores de histórias, até o momento em que se iniciou a produção em larga escala, o Cordel conheceu cumes e abismos, passou por transformações e se adaptou aos novos tempos. Algumas características básicas definidoras, como a preferência dos autores pelos versos em redondilha maior (de sete sílabas poéticas), com predominância da sextilha, além de temáticas que mesclam o regional ao universal, permanecem. Vieram, porém, os anos 1980 e as trombetas fúnebres soaram forte. O tom apocalíptico com que alguns estudiosos – à frente de todos Átila Almeida – se referiam à “morte do cordel” tem origem na abordagem tradicionalista do ofício dos poetas populares, em que se sobressaíram Silvio Romero, Gustavo Barroso e Leonardo Mota, entre outros. Na década de 1990, com o desaparecimento de grandes artesãos do verso, criou-se um vácuo que parecia impreenchível. Delarme Monteiro, Manoel D’Almeida Filho, Antônio Eugênio da Silva,

Severino Borges Silva, Manoel Pereira Sobrinho, Joaquim Batista de Sena e Minelvino Francisco Silva, poetas de brilho, nos deixaram na última década do século XX.

Aparentemente não havia continuidade para o trabalho, até porque, durante a entressafra que vai da geração de poetas nascidos nas décadas de 1930-40 à atual, o romance, gênero nobre da literatura popular em verso, praticamente havia desaparecido, substituído por folhetos de temática política ou social, quase sempre despidos de poesia. Hoje, atentando para aquele contexto, é até compreensível o pessimismo de estudiosos e autores quanto ao fim iminente do folheto de feira. Felizmente, as previsões funestas não se confirmaram e a Literatura de Cordel atravessou mais uma fase tempestuosa para ressurgir, forte, nos dias atuais. Exemplos: na tradicional Feira de Caruaru, em Pernambuco, na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, na banca da Tupynaquim Editora, no Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza.

## 2.2 Uns versus Outros e Flores de Umburana

Sou a imensidão do açude  
 Suas águas cristalinas  
 Lágrimas desatinadas  
 Escorrendo nas colinas  
 Todo o frio das invernadas  
 A solidão das manadas  
 As serpentes assassinas.

(Antônio Barreto, 2005)

Natural de Santa Bárbara, teve na infância contato com os violeiros e repentistas nas Feiras por onde passava, observava atento com um olhar sertanejo, sonhava com sua cultura nordestina, “então minha alma já era cordelista” ele diz. Mas, somente em 2004 é que Antônio Barreto produz oficialmente por incentivo de amigos cordelistas, como Jotacê Freitas e Antônio Vieira e violeiros, seu primeiro cordel, interagindo com outros cordelistas conhecidos na Bahia.

Pertencente a uma família de 18 irmãos, como muitas outras crianças do interior da Bahia Barreto só foi alfabetizado aos 10 anos, como por necessidade teve que se mudar para Salvador para continuar os estudos secundários. “Naquela época ou se ía para Feira de Santana ou para Salvador”, “para quem tinha condições de se manter; quem não tinha, parava por onde desse mesmo” ele conclui.

Em Salvador ele se fixa, trabalha no Polo Petroquímico e cursa a faculdade de letras. Mas o espírito aventureiro, o espírito da infância te acompanha, ele afirma “o sertão é meu lugar”, o sertão está presente na sua vivência, tudo que ele escreve têm a ver com o menino do sertão e o homem urbano, que lembra o jovem com muita dificuldade de se relacionar com as pessoas e seu primeiro encontro poético com a lua e ela com ele aos 19 anos, no avarandado da casa.

Como um bom cordelista de seu tempo, Barreto escreve sobre temas do seu cotidiano, alerta sobre o HIV, Política (As mentiras que o povo gosta em época de eleição), critica, propõe mudanças, grita com muita poesia e esperteza de cordelista. Seu primeiro cordel foi “O discurso de um caipira”, que estimulou pra mais de 50 livretos, entre eles “Canto Lírico de um Sertanejo”, pelejas como “A peleja virtual de uma mulher valente com um cabra cismado” junto com “cordelista-feminista-militante” Dona Creuza Meira, e a pouco terminou “Peleja de sabedoria com a Internet”, nesse tempo “já deve de ter” ideias pairando publicações.

Como professor utiliza o cordel como um instrumento pedagógico, atualmente trabalhando com alunos de 2º grau e em oficinas de cordel, já realizadas em Valença, (da Bahia) Sr. do Bonfim, Ilhéus, entre tantas outras cidades. Com sua viola, ou violão e, quem sabe a guitarra, Barreto segue na sua vida urbana significada pela sua poesia sertaneja. Publicou dois livros de poesia: “Uns versus Outros e Flores de Umburana”, fez a adaptação do conto de Machado de Assis “A Cartomante” para o cordel, pela editora Nova Alexandria, além da publicação de quatro cordéis ilustrados: “O cravo brigou com a Rosa”, “Atirei o pau no gato”, “Pai Francisco entrou na roda” e “Se essa rua fosse minha...”

### 2.2.1 Cante lá que eu canto cá

Poeta, cantô de rua,  
 Que na cidade nasceu,  
 Cante a cidade que é sua,  
 Que eu canto o sertão que é meu.

-----  
 Aqui findo esta verdade  
 Toda cheia de razão:  
 Fique na sua cidade  
 Que eu fico no meu sertão.  
 Já lhe mostrei um ispeio,  
 Já lhe dei grande conseio  
 Que você deve tomá.  
 Por favô, não mexa aqui,  
 Que eu também não mêxo aí,  
 Cante lá que eu canto cá.

(Patativa do Assaré, 2014, p 24)

O Nordeste é uma região que ferve em cultura popular. Berço de cantadores, repentistas e poetas. No interior do Ceará, mais precisamente na Serra de Santana, próximo ao município de Assaré, nasceu, viveu e morreu um pássaro cantante que espalhou seu voo poético por todo o mundo.

Antônio Gonçalves da Silva – o Patativa do Assaré – irradiou seu canto versando e cantando as coisas do ser(tão). Muito tem se pesquisado sobre sua obra, vida e trajetória poética, pois através da beleza de sua poesia mostrou para o mundo que o Nordeste não se caracteriza apenas de fome e miséria, mas de lutas diárias e da força de um povo que tira do seu cotidiano a mais rica e bela forma de arte – a poesia. Foi o que fez Patativa. A poesia de Patativa tem um cunho social. O sertanejo consegue identificar-se com ela, vendo-a como parte da sua realidade. Nela são tratadas questões de vivências, realismos, diferenças, paixões, injustiças, divisão de trabalho, reforma agrária, questões de terra, caboclo, patrão, migração, anonimato, tempo e linguagem com fortes críticas lançadas metaforicamente ao governo, por exemplo.

Em outras palavras, a poesia de Patativa do Assaré, ou uma outra semelhante a ela, define com exatidão a força do texto de cordel que representa bem o ideário da

nossa dissertação – a literatura de cordel que reafirma a força da nordestinidade para os nossos alunos, quase todos eles *crias* do semiárido.

Patativa do Assaré escreveu uma poesia autenticamente rústica e agressiva e, ao mesmo tempo, conseguiu ser sensível aos acontecimentos vivenciados por ele e pelo homem do campo. Sua poesia foi gerada da sua experiência vivencial diuturnamente na terra em que nasceu, viveu, trabalhou e morreu. Inspiração contextualizada em seus versos. Dessa forma, corroborando com o pensamento de Viera (1988), entendemos que a literatura do poeta não é apenas uma expressão vigorosa do gênio nacional nem, muito menos, fruto exclusivo da mente criativa do autor, mas também e, sobretudo, a refração da sua geografia física e humana. Ele conseguiu, através da sua linguagem, transformar em literatura a sua vida real e de tantos outros, seus semelhantes.

Uma das características marcantes do estilo desse autor é encontrarmos constantes diálogos travados com o sertão, com o *dotô*, homem estudado, representante da cidade maior, com o Criador (numa perspectiva cristã), e com o leitor. O autor apresenta-se como um exímio jogador de palavras que, muitas vezes, por meio de não-ditos, deixa no ar críticas sociais que fazem pensar o ser(tão) e suas várias facetas. Além do mais, digamos, o enunciador chama o outro para o constante e ininterrupto diálogo. E aí aparecem os seus interlocutores, sejam eles os políticos, o Estado, a industrialização, o caboclo, Deus etc.

O próprio Patativa, em entrevista para o filme “Patativa do Assaré – ave poesia”, de Rosemberg Cariry, afirmou que sua poesia servia para o esclarecimento do povo. Ele alertava para o fato de que o sofrimento do povo sertanejo não era propósito de Deus, nem permitido por Ele, discurso que muitas vezes era lançado pela Igreja para justificar o sofrimento do homem. Patativa alerta que o povo era vítima dos governantes. Ele achava que era sua “missão” esclarecer esse fato para o sertanejo.

Os destinatários de Patativa são os próprios sertanejos que, segundo o poeta, recebiam sua poesia como uma forma de fugir da realidade sofrida que os circundava. E diferentemente de outras poesias, de poetas distantes, tais como Camões, Fernando Pessoa, Drummond, entre outros, os sertanejos se identificavam axiologicamente com aquilo que se trazia no conteúdo temático dos enunciados e na linguagem que era diretamente refletida na realidade sertaneja. Ou seja, o enunciador enunciava como aquele que refletia e refratava a realidade de seus companheiros. O poeta sofria, chorava, brincava, brigava, questionava, sentia junto com seus leitores e

tinha o dom de refletir esses fatos através da poesia. O gênero escolhido sempre era o poema, mas para ele, o poema tinha que ser rimado e versado.

O poeta Patativa, em depoimento para o seu primeiro livro – *Inspiração Nordestina* (1956), nos diz que começou a fazer versos ainda criança, inspirado pelos cordéis que lia ou ouvia alguém ler.

### 2.2.2 Breves palavras sobre a concepção de Nordeste

O Nordeste não tem existência concreta: ele é uma ideia, que sabemos quando foi inventada, como foi desenvolvida e a quem serviu. Isto pode ser depreendido de Albuquerque (1999), por exemplo. Para ele, o Nordeste começa a ser criado em princípios do século XX, em resposta a várias crises. A seca, particularmente a de 1915, atinge a região de forma brutal. Buscando verbas e apoio na capital federal, os representantes dos estados afetados descobrem que a seca é um modo eficiente de obter recursos. De uma forma ainda incipiente e bem pragmática, Nordeste passa a significar a região afetada pela seca. Um outro momento de crise propiciado pela seca é a emergência do cangaço, em que bandos de homens sem futuro e sem perspectivas assolam o sertão, desafiando a lei, roubando, matando:

O combate ao cangaceiro, que não respeitava as fronteiras estaduais, vai exigir também a crescente atuação conjunta do aparelho repressivo dos estados. O Nordeste é, pois, uma região que se constrói também no medo contra a revolta do pobre, no medo da perda de poder para a 'turba de facinoras que empestavam o sertão. (Albuquerque Júnior, 2011, p. 71)

Enquanto existe e atua, o cangaceiro serve não apenas para unificar as forças policiais, mas também para sublinhar o clima de desesperança da região: ele é o sintoma de toda uma crise, o adversário paradigmático do coronel, aliás, seu exato oposto, o outro lado de uma mesma moeda. Depois de extinto o cangaço, entretanto, na década de 40, o cangaceiro torna-se importante símbolo. Para os setores conservadores, ele simboliza toda a barbárie de que o povo é capaz se não for constantemente subjugado pela força da lei — justificando assim mais verbas policiais e militares para a oligarquia regional. Nesse aspecto, o beato entrincheirado em Canudos, o devoto de *Padim Ciço* e o cangaceiro são todas manifestações da mesma barbárie latente do nordestino sertanejo.

Para os setores progressistas, o cangaceiro simboliza a capacidade de revolta do povo contra a opressão econômica, sendo não apenas um sintoma da pobreza da região e do desespero do homem do campo, mas também um exemplo de revolta popular razoavelmente bem sucedida contra um opressor muito melhor aparelhado. Dado que o cangaceiro significa um pouco para todos, sua continuada sobrevivência no imaginário nacional não deve ser surpresa para ninguém.

O avesso do cangaceiro é o coronel. Embora mecanismos políticos tradicionais existam por todo país, o Nordeste ainda é visto como a região das oligarquias e dos coronéis: naturalmente, pois foi justamente no Nordeste que essas oligarquias melhor conseguiram se articular para inventar uma região em nome da qual falam e reivindicam. Existe algo de fortemente conservador no pensamento que dá forma ao conceito de Nordeste. Como aponta Albuquerque, o Nordeste é filho da modernidade, mas um filho reacionário, uma maquinaria imagético-discursiva gestada para conter o processo de desterritorialização por que passavam as elites locais.

Na verdade, a invenção do Nordeste teria sido um dos principais momentos de *recusa* da modernidade na cultura brasileira. Esse fenômeno se manifesta claramente no tratamento da cidade e da indústria dentro deste "imaginário nordestino". Apesar de ter sido palco de algumas das primeiras e principais experiências urbanas e industriais do país, o Nordeste ainda é visto, representado e entendido como uma região rural por excelência:

As cidades nordestinas, quando tematizadas, parecem ter parado no período colonial, são abordadas como cidades folclóricas, alegres, cheias de luz e arquitetura barroca. O Nordeste como lugar da tradição é sempre tematizado como uma região rural, onde as cidades aparecem como símbolos de decadência, do pecado, dos desvirtuamentos da pureza e da inocência camponesas. Embora muito antigo, o fenômeno urbano e metropolitano no Nordeste é praticamente ignorado por sua produção artística e literária. Sendo o local de uma das primeiras manifestações industriais do país, a indústria é vista com desconfiança, como um corpo estranho numa "região agrícola".

Nesse contexto, ainda de acordo com Albuquerque (1999), o folclore também se torna importante ferramenta conservadora. Embora se vejam como defensores da cultura popular, os folcloristas são os maiores detratores do folclore. Ao cobrar a permanência do folclore ao longo do tempo, esses estudiosos na prática pegam uma tradição viva e sempre mutável e tentam petrificá-la em algum momento do passado,

impedindo que os contemporâneos tomem-na para si como fizeram seus avós. Equivale a dizer: o folclore era vivo e mutável e válido até o ano xis: depois disso, mudanças passam a ser "distorções" nas tradições populares. Ao ser tornado obsoleto, o folclore torna-se também uma ferramenta reacionária. Como argumenta Albuquerque (1999), um dos modos dessa elite regional se perpetuar no poder é criando uma nova tradição que responda ao seus interesses ao mesmo tempo que reivindicam uma pretensa continuidade dessa mesma tradição inventada:

O folclore seria um elemento de integração do povo nesse todo regional, apresentando uma função disciplinadora, de educação, de formação de uma sensibilidade, baseada na perpetuação de costumes, hábitos e concepções, construindo novos códigos sociais, capazes de eliminar o trauma, o conflito trazido pela sociedade moderna. O uso do elemento folclórico permitia criar novas formas que, no entanto, ressoavam antigas maneiras de ver, dizer, agir, sentir, contribuindo para a invenção de tradições. Construir o novo, negando a novidade, atribuindo-o a uma pretensa continuidade.

Para Albuquerque (1999), o Nordeste é produto de uma homogeneização. O Nordeste é maior, mais complexo e mais multifacetado do que sua imagem, seu rótulo, seu paradigma. Para que se formasse a ideia de um Nordeste rural, foi necessário "esquecer" suas cidades; para que se formasse a ideia de um Nordeste seco e árido, foi necessário "esquecer" suas imensas florestas, e assim por diante, tudo para conseguir encaixar todo o Nordeste, em toda sua complexidade ecológica, econômica e social, dentro dos estreitos limites do seu paradigma cultural. Como escreve Albuquerque, o Nordeste é "uma construção mental, formada por conceitos sintáticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou região não é, a rigor, espelhar essas realidades, mas criá-las." (Albuquerque, 2011, p. 27) E mais adiante ele conclui: "O Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como é, mas tal como foi nordestinizado." (Albuquerque, 2011, p. 311)

Culpar o capitalismo como causa única da regionalização do Nordeste implica que, antes da criação da região existia uma unidade anterior que se dissolveu, quando, na verdade, tanto esta ideia da existência de uma unidade anterior, que seria a nação, como a ideia da regionalização posterior, são efeitos de relações discursivas.

Albuquerque conclui suas ideias lembrando que a busca por raízes, fruto de um olhar sempre voltado para baixo, tende a reproduzir nossa eterna condição de

colonizados sempre em busca de nós mesmos: os que vão em busca de raízes acabam cobertos de lama e de pedregulhos. O caminho da grande arte nunca foi o das raízes, mas o das estrelas: “o discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfiguraria uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, *ele a institui*.” (Albuquerque, 2011, p. 49, grifo do autor))

É preciso reinventar o Nordeste. Um Nordeste com características próprias, sem vitimismo e sem ideologias. Um nordeste capaz de fazer brotar grandes artistas desvinculados da ideia de miséria, fome e pobreza. O povo nordestino precisa se enxergar com a autoestima elevada, que desmistifique a imagem de coitado e de castigado pela natureza hostil. A literatura de cordel tem prerrogativas para devolver a autoestima a este povo que sempre foi discriminado e vilipendiado por grande parte da população de outras regiões. Reinventar o Nordeste é fazê-lo ter identidade própria e demonstrar o grande potencial que sempre teve.

### **3 REPENSANDO O SEMIÁRIDO NORDESTINO E A PRESENÇA DA LITERATURA POPULAR**

Conforme já retratado, durante muito tempo o semiárido foi visto como um lugar atrasado, de terras inférteis, de miséria. O retrato mais pobre e feio do Brasil. Essa ideia negativa e retrógrada permaneceu e ainda permanece ao longo do processo histórico e tem como principal justificativa a natural identidade climática do sertão, responsabilizada por todos os percalços da região. A seca serviu de cortina para ocultar as verdadeiras raízes desse problema e para adiar as providências necessárias ao desenvolvimento desse território e de sua população.

O cenário que foi se formando inculcou imagens e enunciados que desenvolveram uma identidade homogênea e um discurso hegemônico sobre o semiárido, reafirmado muitas vezes na área das artes, da ciência, da literatura, da política. Nos últimos anos, sentiu-se a necessidade de se ter um “novo olhar” sobre essa região. Um olhar que desconstruísse as imagens negativas e apontasse no horizonte boas perspectivas e a imagem de um lugar bom de se conviver e de viver.

O discurso que ainda predomina sobre a região é sobre a seca, que deixa de ser um fenômeno natural e se torna a causadora de todas as mazelas das populações sertanejas. No intuito de desconstruir essa imagem, surgem no sentido inverso

vigorosas ideias de sustentabilidade ambiental, como que uma força identitária própria dessa região. E aí novos olhares para potencialidades da geografia e da cultura desse universo, isto é, novas realidades que o universo semiárido pode oferecer.

Nessa nova visão, o semiárido deixa de ser uma região problemática e sofrida e se constrói como a imagem de uma região promissora, de muitas oportunidades. Percebe-se mudanças em andamento na representação do cenário do semiárido, isto não atingindo ainda parcelas maiores da sociedade.

A educação contextualizada é uma das práticas essenciais para a desconstrução dos estereótipos criados e difundidos por tanto tempo sobre o semiárido brasileiro. E assim, vem se insurgindo como alicerce importante para a construção de novos valores e novos olhares sobre a região.

As metodologias de educação contextualizada se particularizam por serem meios de conciliar os processos educacionais das escolas à vida real e prática dos alunos. Associar o que se aprende na escola com as experiências vividas na realidade é uma forma de relacionar a teoria e a prática, permitindo que os alunos atribuam maior aplicação e sentido ao que é ensinado. Para que ocorra o rompimento com a educação hegemônica e universalista, é essencial que ensino, livros didáticos e currículos desvinculados da realidade local sejam substituídos por metodologias que levem em consideração o contexto, permitindo que o aluno, além de desenvolver conceitos positivos sobre si, se sinta protagonista na construção de sua identidade (RESAB, 2006)

A aridez do solo, a falta de água e aspectos daí decorrentes como imagens protagonistas do cenário sertanejo ainda conservados pela maioria das pessoas, são imagens a serem desconstruídas em favor do surgimento de um novo paradigma para a região do semiárido nordestino. Dentre diversos aspectos, demanda-se a valorização da cultura do rústico, do que é mais simples e natural. Dores, alegrias, sabores e saberes do universo popular aos poucos alcançam as chamadas vias urbanas, o cenário das cidades. E aí passa a se disseminar nos centros urbanos uma realidade já natural no/do universo popular: histórias, comportamentos, narrativas, *causos*, a poesia popular.

A literatura popular mantém viva a memória das produções de uma comunidade e consegue preservar as suas tradições. Novos elementos vão surgindo e se agregando às tradições existentes, principalmente no campo da oralidade. (PINHEIRO, 2018, p. 103) nos alerta: “a cultura popular tem vitalidade e riqueza de experiências e privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-los cada vez mais”.

A literatura popular oral e escrita é palavra viva, que adquire, por exemplo, formas de representações na boca dos cantadores, repentistas e outros artistas populares em feiras, praças, festas e demais cenários populares.

### 3.1 Um novo olhar para o semiárido baiano

O semiárido baiano abrange, oficialmente, uma área de 360 mil quilômetros. É uma imensa região que tem como características um baixo índice de pluviosidade, temperaturas médias elevadas e uma má distribuição de chuvas. Devido a longas estiagens, as atividades agrícolas são devastadas, sujeitando a população local a condições extremas de sobrevivência. A agricultura é a principal atividade econômica, na maior parte da região semiárida e, grande parte da população, reside no campo e trabalha em atividades agrícolas. A população destas áreas apresenta os piores indicadores sociais e econômicos do Estado da Bahia, como veremos uma exemplificação, mais adiante.

O que se esperar de uma região com estas características? Há alguma chance de prosperidade para alguém que nasça nestas terras? O cenário, muitas vezes, é desolador. Graciliano Ramos, embora alagoano, descreve com precisão a paisagem do semiárido em uma das tantas passagens do livro *Vidas Secas*:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia hora que procuravam uma sombra [...] Tinham deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia hora que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés (RAMOS, 2006, p. 9-10).

“Lama seca e rachada que escaldava os pés”, assim se pronuncia o narrador da obra. Lemos, no romance, o retrato fiel do semiárido que traz consigo milhares de famílias em busca de sobrevivência. E neste contexto, como já afirmado, o processo educativo é fundamental para transformar a vivência e a convivência possíveis nas terras áridas nordestinas. As práticas pedagógicas devem acontecer de forma contextualizada, respeitando a realidade do aluno e reconhecendo os valores sociais, culturais e ambientais da região. Uma educação contextualizada é de grande importância e significação, já que os estereótipos de pobreza, fome, atraso e miséria, são divulgados de forma contundente sobre a região. Na oferta da educação básica

para a comunidade rural, os sistemas de ensino, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), podem adaptar conteúdos curriculares e metodologias aplicadas às verdadeiras necessidades e interesses dos alunos e às peculiaridades da região. Buscando a inversão desses sentidos, os conteúdos valorizam os saberes locais e as possibilidades existentes diante das adversidades climáticas e ambientais. Tal prática contribui para a construção e consolidação do paradigma da convivência com o semiárido, com a formação de sujeitos sociais que tendem a ser mais conscientes e autônomos.

A luta por uma educação contextualizada de forma mais sistemática passou a ser mais enfatizada no final dos anos 90, embora já houvesse várias experiências em andamento espalhadas pelas diversas áreas do semiárido. Em Juazeiro, Bahia, por exemplo, aconteceu o Simpósio Escola e Convivência com a Seca, evento apoiado pelo Projeto Nordeste, pela UNDIME e pelo UNICEF, no ano de 1998. No ano de 2000, novamente a cidade sediou o I Seminário de Educação no Contexto do Semiárido Brasileiro do qual saiu um documento no qual as representações presentes assumiram o compromisso de preservar e ampliar as discussões e análises no intuito de apresentar, como consequência daquele Encontro, uma ação coordenada. O objetivo principal naquela época, que perdura até hoje, é garantir políticas públicas para qualificar o ensino e os sistemas educacionais do semiárido.

A educação contextualizada é hoje uma das principais propostas defendidas pelos movimentos sociais que atuam no Semiárido, incentivando novas práticas educativas nos espaços formais de educação e na formação de lideranças comunitárias. A educação contextualizada é concebida como um processo dinâmico de construção de conhecimentos e atitudes dos seres humanos, considerando o ambiente no qual está inserido. A intenção é formar pessoas (crianças, jovens e adultos) que atuem como agentes multiplicadores de novas visões (conhecimentos) e de novas práticas apropriadas a essa realidade, explicitando suas potencialidades sem omitir as fragilidades dos seus ecossistemas (SILVA, 2006, p.255).

Um novo olhar sobre o semiárido baiano já é uma realidade. As oportunidades existem, mesmo que as condições climáticas não sejam naturalmente favoráveis. A convivência com o semiárido é possível. Na região de Juazeiro, na Bahia, há verdadeiras “ilhas de prosperidade”, onde a agricultura irrigada se desenvolve e contagia toda região. As águas do Rio São Francisco oportunizam verdadeiros oásis no deserto. Banhando de um lado Juazeiro - Ba e beijando do outro lado Petrolina-Pe, o “Velho Chico” vai transformando a paisagem da região. Se não fosse o baixo

índice de pluviosidade e as temperaturas altas, nem desconfiaríamos que vivemos no semiárido baiano.

### 3.1.1 Uma escola militar no semiárido baiano

O atual Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna iniciou suas atividades no ano de 1972, atendendo inicialmente apenas crianças do ensino fundamental I. A partir de 1985, passou a oferecer o ensino Fundamental II e a funcionar nos três turnos. Somente em 2006 transformou-se em Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna, abraçando uma nova perspectiva educativa e, em pouco tempo, conquistando lugar de destaque no cenário educacional da Bahia.

O colégio funcionava nos três turnos e ficava localizado em um bairro periférico de Juazeiro, onde havia um alto grau de violência. Justamente por essa violência, também percebida em toda Bahia, em 2006 surgiu o projeto, numa parceria entre a Secretaria de Educação da Bahia e a Secretaria de Segurança Pública, de implantar colégios militares em todo o estado.



Entrada alternativa da Escola, que se encontra em reforma



Pátio da escola

Várias cidades baianas já tinham sido agraciadas com este convênio, mas somente em 2006 Juazeiro ganhou o seu primeiro Colégio Militar. As outras cidades que já tinham Colégios militares perceberam que houve uma queda significativa da violência e uma melhora nos índices educacionais nas escolas conveniadas. Em Juazeiro não foi diferente. A violência que era predominante no entorno da escola, diminuiu bastante e os índices educacionais de aprendizagem deram um grande salto. A escola passou a ser cada vez mais procurada pela comunidade de modo que o

espaço ficou pequeno para atender a todos que tinham interesse de ter seus filhos na escola.

De início, eram realizadas provas para se conseguir uma vaga no colégio. A partir do segundo ano de implantação, passou de provas para sorteios. Até este ano, 2023, continuou o processo seletivo por sorteios. No entanto, os alunos precisam estar na faixa etária correspondente à série que vão cursar. Alunos que não conseguem aprovação por três anos consecutivos ou alternados não podem permanecer na escola, uma vez que fica em desacordo com a faixa etária. Existem algumas exigências que são explicitadas no manual do aluno. No ano de 2018, a demanda cresceu tanto, que foi necessária a mudança para outro prédio em um bairro também com altos índices de violência. Hoje a escola atende quase mil alunos nos dois turnos de funcionamento: manhã e tarde. A escola não oferece mais a EJA no turno noturno, sendo extinta esta modalidade de oferta em 2019. O colégio, hoje, conta com 16 salas de aula, quatro a mais do que oferecia no antigo prédio. Além disso, mais 10 salas estão em construção para que possa atender um número ainda maior de famílias.

Situado na região do submédio São Francisco, o agora Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna, está localizado no semiárido baiano. O maior aglomerado do semiárido brasileiro, encontra-se aqui em Juazeiro que junto com a cidade vizinha de Pernambuco, Petrolina, abriga milhares de pessoas, unindo os dois estados e promovendo o desenvolvimento da região. No antigo prédio antes de ser Colégio conveniado com a Polícia Militar, as salas pequenas e o calor que é tão característico da região, tornava o ambiente impróprio para a aprendizagem, que era refletido no alto índice de evasão e reprovação.

Após a parceria com a Secretaria de Segurança Pública, o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da escola teve uma grande ascensão. O IDEB é um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho geradas pelo Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) com informações sobre rendimento escolar (aprovação), que são coletadas pelo Censo da Educação Básica. Veja-se o quadro a seguir da evolução do IDEB antes da parceria, no ano de 2007 e a evolução nos anos posteriores:

<b>Ano</b>	<b>IDEB</b>
2007	1,2

2009	<b>5,0</b>
2011	<b>5,2</b>
2013	<b>5,4</b>
2015	<b>5,6</b>
2017	<b>6,0</b>
2019	<b>6,3</b>

**Fonte:** Secretaria de Educação da Bahia

Vale ressaltar que após dois anos de parceria, foram instalados *climatizadores* nas salas de aula, melhorando o ambiente de aprendizagem e contribuindo para um melhor desempenho dos alunos. Nasce em 2006 uma escola que hoje é referência na cidade de Juazeiro, em pleno semiárido baiano. O convênio firmado entre as duas secretarias citadas prevê que os aspectos disciplinares ficassem sob a responsabilidade da polícia e os aspectos pedagógicos sob a responsabilidade dos civis. Existem duas gestões: uma PM e outra civil. Todas as demandas são resolvidas de comum acordo e posso dizer que, observando os resultados obtidos, foi uma parceria que deu certo. A escola tem vários problemas como todas as escolas do país e, principalmente do semiárido têm, no entanto, através dos bons resultados obtidos, busca-se a superação das dificuldades enfrentadas.

O Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna tem um projeto próprio intitulado “Dialogando com a Literatura”, idealizado pelos professores de Língua Portuguesa da escola. O projeto parte do pressuposto de que é necessário fomentar o hábito da leitura, buscando incentivar esse prazer através das leituras e releituras de obras literárias.

Tal projeto permite estreitar relações com a arte, a estética, a autoria, o estilo e o produto artístico, enfim, pois o intuito é que se apropriando da obra, o aluno possa, por exemplo, construir novos enredos, compor dramatizações diversas e atuar na produção de cada modalidade proposta, permitindo o alargamento dos seus conhecimentos, descobrindo-se enquanto autor de novos trechos, percebendo a capacidade intelectual, imagética, autoral, teatral, além de capacitar-se para desenvolver a percepção crítica, reflexiva diante das tantas leituras de que o mundo requer.

### 3.2 A literatura de cordel nesse cenário

O estímulo à leitura é um desafio que se impõe aos diversos campos do conhecimento. É notório que muitas vezes as dificuldades de aprendizagem - nas mais variadas disciplinas - advêm do pouco hábito de ler dos educandos, o que, por sua vez, acarreta carências na interpretação e produção textual. Como exemplo disso, não é raro um aluno possuir sérias barreiras para resolução de questões matemáticas por não compreender o enunciado dessas questões.

Um dos maiores entraves para a leitura no cotidiano escolar está intrinsecamente ligado à fragmentação disciplinar, tão característica da educação ocidental. Ela se revela em grades curriculares cada vez mais subdivididas e na própria atuação do professor que restringe o seu trabalho a sua área de formação.

A abordagem da leitura, nessa perspectiva, fica praticamente restrita à área de Linguagens. Outras matérias dificilmente desenvolvem metodologias de estímulo ao ato de ler, o que denota a necessidade premente de mudanças.

Tal carência revela-se ainda mais com o fato de que, nos últimos anos, a conceituação do que é a competência da leitura avançou, entre os estudiosos, da perspectiva da mera decodificação para a real compreensão dos significados inerentes ao texto. Ler, portanto, não é somente deter o domínio do código escrito. Refere-se ao ato de atribuir sentido ao que foi lido. Porém, leve-se em conta de que esta atribuição não está isenta de influências. Ela se origina também de fatores históricos, sociais e culturais que interagem com o leitor no próprio ato da leitura.

Dentro desta perspectiva, constata-se a necessidade de um olhar contextualizado para o objeto de estudo. Algo que uma visão fragmentada não assegura. A escola visa com os projetos de leitura, estimular diversas leituras, estabelecendo o diálogo entre variadas formas de conhecimento e abrindo a possibilidade de exploração de diferentes temas numa abordagem sistêmica, holística e não mais rigidamente fragmentada.

Assim, os aprendizes precisam ser incentivados ao exercício da leitura vendo neste ato um sentido lúdico, prazeroso, mas também vivencial. Ler deve ser entendido como uma ação com significado real, em que os conhecimentos são percebidos em sua ligação com o cotidiano do leitor. Neste ponto reside, por consequência, a pertinência da leitura em todas as áreas do conhecimento.

A conceituação da competência “ler” mudou. Da perspectiva da mera decodificação, ela se projetou para a real compreensão dos significados presentes no texto, referindo-se ao ato de atribuir sentido ao que foi lido. Tal atribuição, entretanto, é decorrente, como já afirmado, também de fatores históricos, sociais e culturais que estão em constante interação com o leitor na experiência da leitura. É importante frisar o que afirma Kleiman (2002, p. 16):

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

Numa concepção emancipatória da Língua Portuguesa, não se concebe mais a ideia do processo de leiturização da Língua Materna através da decodificação de signos, bem como da prescrição de textos que contemplam as regras estabelecidas na norma culta. Nesse sentido, emerge o desejo de inserir um novo processo de leiturização nas escolas, em que a leitura de mundo de cada aluno seja valorizada, bem como as suas experiências de vida. Assim sendo, a leitura passa a ser significativa para cada educando, o aluno não vai ler sem razão alguma; ler por ler; ele vai ler porque essa vivência possibilita trilhar vários caminhos desde o imaginário até à construção de variados conhecimentos.

Dessa forma, a leitura é também uma ação com sentido real, no qual os conhecimentos precisam ser percebidos em sua ligação com o cotidiano do leitor e com todas as áreas do conhecimento. Segundo Kleiman (2002, p. 26):

É claro que os objetivos do professor de Língua serão mais facilmente atingidos se houver um esforço conjunto dos vários professores que ensinam a criança, daí a pertinência de abordar assuntos relevantes em outras áreas. No entanto, devemos lembrar que o enfoque integrado, interdisciplinar de um assunto não significa apenas que o professor de português se torna mais um professor de ciências; significa, também, que o professor de ciências se torna mais um professor de leitura.

Assim, prioriza-se a leitura e releitura de diversas obras, a fim de proporcionar a intertextualidade entre o texto original e outras produções, possibilitando “também o acesso de um público muito mais numeroso às manifestações culturais, antes privilégio das elites.” (CUNHA, 2005)

Como “o texto é feito de indeterminações e vazios, (...) na medida em que deixa brechas para a entrada do leitor em cena.” (MARIA, 2006), no desenvolvimento de

atividades literárias, essas brechas serão preenchidas justamente com o olhar indagador, juvenil e analítico do educando, com sua leitura de mundo permeando o processo de sua produção artística, informativa e rica.

Isso nos permite também perceber a importância do educador como ponte entre o texto e os alunos, tendo em vista, sobretudo que:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho em estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre o assunto e o que está aprendendo sobre ele. (PCN, 1998)

Essas ações, muitas vezes, devem ser propostas pelo educador, que conhecendo seus alunos, os impele a novas descobertas no campo do conhecimento e isso, independe da disciplina que ministra, posto que, todas as áreas devem estar ligadas “à compreensão, isto é à apreensão do significado.” (PCN, 1998, p. 19). O professor deve, sobretudo, trabalhar com textos diversos, no qual o leitor se debruça para encontrar respostas e acrescentar perguntas que, por diferentes razões e objetivos, atendem a suas expectativas: conhecimentos, inquietações, deleite e prazer.

No Brasil, cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de textos em verso denominados, em seu conjunto, literatura de cordel. Hoje temos poetas populares espalhados por todo país, compartilhando diferentes experiências, porém, no final do século XIX e início do século XX, o cordel estava presente principalmente na vida dos nordestinos que viviam no campo ou também nas cidades, com seus pequenos comércios. O nordestino passou a se identificar com os versos rimados e cheios de humor do cordel e o cordel passou a retratar esta região com maestria, demonstrando as tristezas, as alegrias, as lutas e o cenário muitas vezes hostil que o semiárido apresenta para seus habitantes.

No entanto, o cordel sempre buscou falar também de esperança de dias melhores, da força do povo nordestino e das potencialidades que surgem na luta pela sobrevivência diária. É uma literatura que tem grande aceitação por parte dos alunos, talvez por se identificarem com a forma e o conteúdo das produções. Além do mais, por ser uma literatura que trata e retrata a cultura nordestina, seus problemas, seus

costumes, suas crenças, se torna mais próxima dos discentes, uma vez que vivenciam, no texto, a sua própria realidade. Muitos escritores foram influenciados por este estilo, dos quais se destacam: João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Guimarães Rosa.

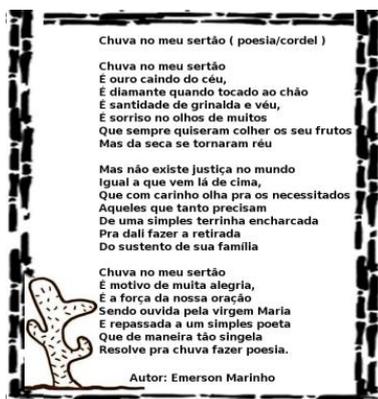
O termo “Cordel” é de herança portuguesa. Essa manifestação artística foi introduzida por eles no Brasil em fins do século XVIII. Na Europa, ela começou a aparecer no século XII em outros países (França, Espanha e Itália) e se popularizando no período do Renascimento. Em sua origem, muitos poetas vendiam seus trabalhos nas feiras das cidades. Esse tipo de manifestação tem como principais características a oralidade e a presença de elementos da cultura brasileira. Sua principal função social é de informar, ao mesmo tempo que diverte os leitores. Oposta à literatura tradicional (impressa nos livros), a literatura de cordel é uma tradição literária regional.

O semiárido brasileiro e todas as suas dificuldades são retratadas com frequência na literatura de cordel. Assim, foi a literatura escolhida para a construção de uma proposta de aplicação de oficinas, a partir de nossas experiências com o Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna para ressignificar os valores e desconstruir a imagem negativa que se tem do semiárido.

“Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se buli”.

(Patativa do Assaré, 1992)

A falta de chuva ou a irregularidade dela, o calor, o sol intenso são sempre mencionados nos versos de várias produções de cordel, como podemos ver nestes rápidos exemplos:



Autor: Emerson Marinho



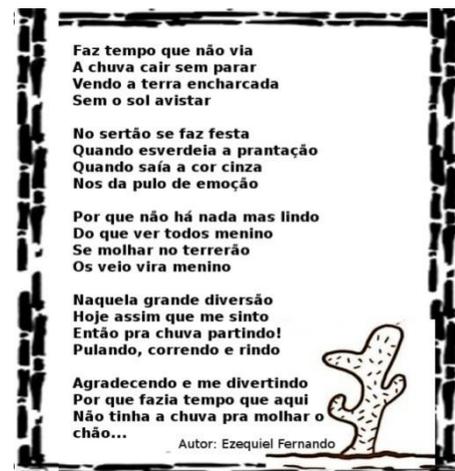
Autor: Nilton Cordel

Disponível em: [15 poemas de cordel para você se encantar pela literatura nordestina – Site Pensador](#)



Anônimo

Disponível em: [Chuva no Sertão... poesia e cordel - Blog Adalberto Gomes Notícias \(adalbertogomesnoticias.com.br\)](http://Chuva no Sertão... poesia e cordel - Blog Adalberto Gomes Notícias (adalbertogomesnoticias.com.br))



Autor: Ezequiel Fernando

### 3.2.1 O cordel em terras áridas

Diversos pesquisadores e profissionais na área da educação sertaneja defendem e estudam amplamente uma corrente pedagógica sobre a contextualização da educação no semiárido brasileiro. A educação voltada para a convivência no semiárido permeia variadas experiências formais e não formais no campo da educação, nas quais perspectivas curriculares e metodológicas buscam a vinculação da escola às formas de vida e às problemáticas existentes em terras áridas, como descreve Berg (2003):

A educação para consciência de uma cidadania planetária deve ser desenvolvida em seus princípios essenciais, sob a forma de programas de educação para a paz, focalizando valores que promovam à inclusão, a integração das dimensões ecológicas (biosfera, tecnosfera, psicofera), e, sobretudo, o compartilhar, consideradas as diferenças e similaridades das várias regiões geográficas da Terra (BERG 2003, apud NÓBREGA 2011, p.79).

Ainda sobre esta questão, discorre Buber (1978):

É este o cenário que temos diante de nós e é nele que precisamos agir proativamente, pois analisando seus contextos sabemos que já não basta desenvolvermos ações reativas diante das conjunturas objetivando construções para um meio ambiente melhor, mas precisamos com urgência educar para que as relações de alteridade(EU-TU) sejam entendidas em suas semelhanças e diferenças, possibilitando não somente o coexistir, mas também o conviver, criando a oportunidade de compartilharmos novos conhecimentos e interpretação da vida e de sua plenitude (BUBER 1978 apud NÓBREGA 2011, p. 78).

Buscar e reivindicar o uso da literatura de cordel em sala de aula representa a possibilidade de transformar e aumentar o desenvolvimento educacional de muitos estudantes do semiárido, já que esta literatura faz parte do nosso cotidiano e de nossa cultura. Se pensarmos em uma educação voltada para a convivência com o semiárido e que essa educação seja contextualizada, a literatura de cordel precisa está presente. VIANA (2010) afirma que desde que surgiram os primeiros folhetos impressos, no último quartel do Século XIX, a literatura de cordel tem sido uma poderosa ferramenta de alfabetização e incentivo à leitura junto as populações carentes do nordeste.

Nos versos do cordel sempre foram retratados os mais variados eventos históricos, geográficos, sociais e culturais do nosso país e em especial do nordeste. O cordel sempre representou divertimento, assim como informação com característica peculiar de transmissão: a rima. Campos (1977) fala sobre esta abordagem:

Levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado. E quando em nosso país for tratado seriamente a questão da educação do trabalhador, os professores e assistentes sociais poderão encontrar na literatura de cordel, valioso auxílio para o bom êxito das tarefas. (CAMPOS, 1977, apud VIANA, 2010, p. 12)

O cordel é uma literatura agradável, simples e objetiva, que não deixa de ter a sua criticidade. Com suas rimas atrai leitores e repassa informações de maneira prazerosa e perspicaz, diferente dos textos didáticos que não são pouco atrativos para os nossos educandos.

Não é nossa intenção, nem cabe ao momento, fazer comparações entre a literatura de cordel e o livro didático. É importante que se esclareça que esta pesquisa visa apontar os benefícios no emprego da literatura de cordel nas salas de aula do semiárido, uma vez que, nas palavras de Viana (2010), cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da região Nordeste, pela literatura de cordel. Esse poderoso veículo de comunicação popular, que oportunamente fora chamado de “professor folheto” (VIANA, 2010) e tem sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos. O cordel possibilita a reescrita da realidade e das potencialidades, labuta e adversidades, magia e fé dos nativos do semiárido. Por assim ser, o folheto mantém uma relação de comprometimento com o nordeste e com a educação. Segundo Freire (1982):

A alfabetização, enquanto ato político, é ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a leitura e a reescrita da realidade (FREIRE 1982 apud RAMEH 2003 p. 25).

A educação precisa ser uma experiência que traga consigo os sentimentos e emoções do cotidiano. Freire (1996) reforça esse entendimento:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista (FREIRE, 1996, apud MACÊDO, 2003, p. 39).

Através dos ensinamentos do grande educador, percebemos nos versos dos cordéis o discorrer dos desejos e sonhos, da identidade, do calor e da alma do povo nordestino. Nas histórias retratadas nos cordéis há um pouco de cada habitante e de sua vivência e convivência com o semiárido.

BRANDÃO (2008) afirma ainda que nas culturas populares existem formas de educação extraescolar, cujo valor apenas agora começamos a descobrir. Tal como acontece com os povos indígenas, cantando e dançando, vendo como- se-faz-e-fazendo, jogando e trabalhando ao lado dos “mais velhos”, os “mais jovens” convivem com aprendizados simples e complexos que vão dos segredos do plantio do milho até os de uma folia de Santos Reis

Brandão ainda nos relata que a educação utilitária e instrumental das escolas seriadas acompanhou toda uma vertente dominante no pensamento ocidental e deixou que duas quebras dramáticas fossem e sigam sendo consumadas. Uma é a cientificação crescente do conhecimento. Outra, é a desqualificação de outras culturas e, sobretudo, as culturas populares, em nome de formas únicas e pretensamente civilizadas e eruditas do saber e do viver.

Aos poucos perdemos o sentido integral da vocação humana na criação de suas experiências de cultura. Tem sido inculcado em nossa mente que apenas o conhecimento oficialmente ocidental e científico, originado em instituições referenciadas do saber competente é útil, válido, confiável. Sendo assim, apenas o que provém dele e das ciências oficiais que o conduzem que deve ser ensinado de fato nas escolas. Assim, a lição que persiste é a de que a nossa vocação e a nossa capacidade natural de buscar soluções e respostas para os nossos questionamentos

cotidianos diários, a busca de identificar sentidos variados e multiformes para o nosso estilo simples de viver, ou ainda de compreensões de interpretar a vida comum com os seus eventos comuns do povo, não cabem nos limites das ciências oficiais. O viver do homem sertanejo, portanto, não está refletido nos questionamentos oficiais da vida. Não cabe, então, nos programas escolares oficiais.

A literatura de cordel desmistifica, desconstrói tal concepção. Por projetar o cotidiano do povo mais simples, por enaltecer e divulgar a sabedoria e a arte populares, por estimular e socializar práticas, costumes, saberes, enfim, a cultura do homem simples. E assim o cordel enaltece e pranteia o cotidiano do semiárido nordestino. Conta e reconta, em versos, a labuta diária, o enfrentamento das intempéries e principalmente a persistência e a esperança de dias melhores.

A cultura popular reveste o morador do semiárido de uma sabedoria que não se encontra nos grandes livros e relatos científicos, mas que permite a construção de grandes histórias de vida que se perpetuam entre as gerações. Deste modo, acreditamos que a literatura de cordel é por demais válida e eficaz *no chão* das escolas, uma vez que registra e projeta, redimensiona imagens, cenários, quadros reais pelo viés da arte popular.

### **3.2.2 Em áridas terras: o que pode o cordel em sala de aula**

Em 1970, o jornalista nordestino Ivan Maurício interrogou Paulo Freire com a seguinte pergunta: Qual a melhor maneira de se memorizar uma informação? O renomado educador Paulo Freire respondeu que “rimando, e de preferência, cantando!” (1992). Ele revelou que ninguém esquece versos ou músicas recitadas na infância e que a literatura de cordel e as músicas são excelentes formas de aprendizado e que deveriam ser utilizadas na alfabetização de crianças e adultos. Percebemos na resposta dada por Freire como a poesia é uma ferramenta potencial para aprendizagem dos conteúdos da sala de aula e da vida, uma vez que de acordo com o educador precisamos ler não somente livros, mas a vida e o contexto onde estamos inseridos.

No entanto, segundo PINHEIRO (2007): “de todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula” (p. 17). De fato, parece haver no espaço escolar algum descaso com a poesia, e mais ainda, acrescentamos, com a poesia popular. Quanto ao cordel, esse gênero literário

tão mal explorado ao longo dos anos e muitas vezes vilipendiado pela cultura elitista, sobreviveu e perdura no nosso imaginário. Sem falarmos de sua contribuição real para atividades como alfabetização, incentivo à leitura e importante ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, na contextualização da educação para convivência com o semiárido, que é o tema principal deste trabalho.

A propósito, dada a natural convivência do cordel com as chamadas classes populares, o professor Veríssimo de Melo (1994), no estudo introdutório que escreveu para *Literatura de Cordel–Antologia*; destaca, entre outros, o papel importante exercido pelo folheto como auxiliar de alfabetização.

Muitos nordestinos aprenderam a ler folheando e apreciando livrinhos de feira, com a ajuda de outras pessoas já alfabetizadas. Em regiões mais simples, a literatura de cordel ou o seu cantar muitas das vezes se faz momento especial, *horário nobre*, compartilhando com a família, vizinhos e amigos. Em tempos que as cartilhas de alfabetização não chegavam até o homem do campo, o folheto de cordel era o manual que cumpria, de forma espontânea, essa difícil missão social. Corroborando estas afirmações, descreve ELIOT:

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter,(...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade. (ELIOT apud PINHEIRO 2007 p.22)

O Ministério da Educação – MEC, há alguns anos, ressalta o uso do Cordel nas escolas do Brasil e os debates e as articulações voltadas para uma educação contextualizada voltada para a convivência com o semiárido brasileiro corroboram com a ideia do uso da literatura de cordel como exemplo de contextualização da educação. A literatura de cordel já é, atualmente, cobrada em vestibulares e provas do ENEM, significando uma nova visão em relação à aceitação e reconhecimento da literatura popular pelo meio acadêmico.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Brasil (2006), elaboradas pelo Ministério da Educação – MEC, nos fundamentos apresentados no capítulo 2, referente aos conhecimentos de literatura, nos orienta que a literatura, enquanto discurso literário, garante o exercício da liberdade, conforme afirma Osakabe (2004):

A literatura pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com o domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o

desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo (OSAKABE, 2004, apud Brasil, 2006, p.49).

Além disso, a literatura de cordel, enquanto arte trabalhada para a sensibilidade, com sua linguagem comum, imediatamente reconhecida por seu leitor, permite um reconhecimento estético maior “mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite” (Idem, p. 53). Oportunizar o uso da literatura de cordel nas salas de aula, com seu humor, sua métrica própria, com sua liberdade de expressão e características populares do povo do semiárido é respeitar a condição de letramento literário a que os estudantes estão submetidos.

Isto é, as OCEM (BRASIL 2006) defendem claramente o letramento literário do aluno e isto pode, e deve se dar também com a ajuda da literatura popular. Numa sequência ordenada, bem planejada, certamente se chegará a um leitor literário crítico, que bem se apropriará do texto literário. Essas orientações definem o “letramento literário” como: “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler ou escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (p.54,55).

A intenção maior desta pesquisa pousa sobre esta assertiva; a partir do letramento literário, com base na sequência básica de Cosson (2007), por meio da literatura de cordel, o docente possa sensibilizar alunos da educação básica para uma nova visão da região do semiárido em que vivem.

Evidentemente, para isto o/a docente precisa se aproximar mais dessa literatura, se for o caso. É preciso por exemplo, estudar sua origem, regramentos, estética própria e, principalmente, interessar-se, gostar desta poética popular. No livro “O cordel no cotidiano escolar”, Helder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio (2012) nos dizem que “o trabalho com a literatura popular pressupõe essa empatia sincera e prolongada e, sobretudo, uma “relação amorosa” (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p.125).

Acrescentaríamos, também, uma postura humilde e ao mesmo tempo mais receptiva e firme com a cultura popular e seus objetos artísticos, para não identificá-los, não apresentá-los com preconceito. Que se promova uma busca sensível e respeitosa dos sentidos vários dessa cultura.

Não queremos, por outro ângulo, hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios específicos para poder perceber sua dimensão local e universal. A literatura de cordel, nessa vertente, pode auxiliar muito o docente na prática educativa em sala de aula.

Tal prática, não significa uma ruptura nas metodologias tradicionais, mas sim, uma ressignificação das práticas pedagógicas, agora também com foco voltado para a contextualização da realidade imediata do estudante, sua própria identidade cultural atentemos para o que Meurer (2002) nos afirma:

Nesse contexto de trocas materiais e culturais, de busca pela informação e posterior utilização desta para construção do conhecimento, a linguagem de inscrever como sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa potencialidade de medir nossa ação sobre o mundo (declarando e negociando), de levar outros a agir (persuadindo), de construir mundos possíveis (representando e avaliando), aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual (MEURER, 2002, p.10).

Há muitos projetos pedagógicos e experiências voltadas para o uso da literatura de cordel em sala, dentre esses, destacamos o projeto “Acorda Cordel na Sala de Aula”, uma iniciativa do poeta cearense Ariovaldo Viana, que propôs, por mais de dez anos, a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática para o exercício da leitura entre crianças, jovens e adultos, ou seja, abrangendo o Ensino fundamental e Médio.

O projeto se constitui de um “kit” composto por uma caixa de folhetos de cordel, contendo obras de diferentes autores; um livro manual para o professor conduzir o uso e apontava sugestões para trabalhar o cordel na sala de aula, ainda um cd com poemas e canções interpretadas por renomados poetas. O manual traz informações sobre as origens da literatura de cordel e como confeccionar o folheto nas escolas. O autor realizou centenas de palestras, oficinas e apresentações no Brasil. O “kit” foi adquirido por secretarias de educação, escolas, bibliotecas ou mesmo por iniciativa dos próprios educadores de várias regiões do país.

Além de estimular o hábito da leitura, estudantes de qualquer faixa etária, através do kit, tiveram ou tem contato com uma legítima expressão da cultura popular brasileira. De acordo com Viana (2010), sobre esse projeto, experiências realizadas em várias cidades, inclusive pertencentes ao semiárido, atestavam a excelente receptividade daquela proposta entre os alunos, sobretudo em atividades como leitura em grupo e, até mesmo, a elaboração em sala de aula de novos folhetos pelos próprios estudantes. Infelizmente, o cordelista nos deixou em 2019.

Parece-nos que o projeto não é mais utilizado nas escolas brasileiras, mas certamente contribuiu significativamente para a revitalização da literatura de cordel como ferramenta pedagógica.

#### 4 METODOLOGIA: O PLANEJAMENTO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

No nosso estudo, recorreremos ao letramento literário, mais especificamente aos ensinamentos de Cosson (2007) e suas orientações sobre sequência básica. Sendo assim, realizamos nosso estudo seguindo os aportes apontados pelo citado pesquisador, por meio da aplicação de oficinas, com algumas adaptações, já previstas e autorizadas por Cosson.

O autor, em sua sequência básica, nos sugere vivenciar algumas etapas na realização das oficinas. Ressaltamos que os processos de trabalhar a leitura, em cada oficina, devem ser respeitados. A “antecipação” trata das diferentes operações e elementos que se apresentam para o leitor antes deste adentrar no texto. Consiste nos objetivos de leitura aos elementos que compõem o gênero: capa, título, ilustrações.

Cosson nos faz entender que a “decifração” das letras e das palavras, por assim dizer, é o “passaporte” para se entrar no texto. O vocabulário que o leitor possui pode auxiliar ou não para que a leitura se realize de forma plena e satisfatória. A depender dos conhecimentos linguísticos do leitor, a velocidade da leitura se processará de maneira natural ou poderá oferecer obstáculos para o aluno. O professor, como mediador deve estar atento a isto e tentar dinamizar tal evento.

De acordo com o pesquisador, a “interpretação” de leitura literária diz respeito às relações que são estabelecidas pelo leitor quando processa o texto, é a busca pessoal da construção dos sentidos para o texto. Isto se fará por meio de inferências, da leitura presencial do texto e ainda por meio da vivência do leitor, de suas experiências anteriores de leitura, também:

Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência dá-se pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das construções que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. (COSSON, 2007, p.41)

De acordo com o entendimento aqui exposto, com algumas adaptações, como já falamos, daremos luz às etapas explicitamente registradas por Cosson: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação em nossa proposta teórica.

Seguindo esse raciocínio, realizaremos o nosso trabalho. No caso, a elaboração teórica de oficinas com a utilização do cordel em sala de aulas. Com essa proposta, buscaremos proporcionar a formação de leitores que consigam compreender o mundo escrito e subentendido pela elaboração das palavras. Além dessa orientação metodológica advinda do letramento literário, os estudos de Pinheiro e Marinho (2012), nos orientam sobre procedimento metodológico no trabalho com o cordel, a atitude de podermos, juntamente com os alunos, procurar buscar o diálogo através das experiências culturais. Isto é, que possamos, pelos textos apresentados em sala, redimensionar o ambiente em que vivem nossos alunos. No caso, o semiárido nordestino, e possam assim vislumbrar redimensionamentos de sua própria identidade cultural.

Na discussão sobre a combinação de fatores que existem para a seleção do que se deve levar para o aluno ler na escola, Cosson (2007, p.33) argumenta que a atitude mais próxima de quebrar a resistência dos alunos, sobretudo os mais jovens, é a seguinte:

A mais popular das direções seguidas parece ser aquela que defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros na seleção de textos. Ela está apoiada nas recomendações dos textos oficiais sobre o ensino da área de linguagem e nas teorias de leitura como uma habilidade a ser construída pelo trânsito intenso de textos diferenciados em sua configuração discursiva genérica dentro da escola. (COSSON, 2007, p. 33)

Decidimos nortear a nossa ação em sala de aula, isto é, a nossa proposta de aplicação teórica de oficinas a partir de duas vertentes, no que diz respeito aos procedimentos metodológicos. Adotamos a proposta de Rildo Cosson (2007) ao propor as oficinas de práticas de leitura literária, especificamente em relação ao texto literário (cordel) em modalidade escrita. Pinheiro e Marinho (2012), por sua vez, destacam bastante a oralidade em sala de aula. Decidimos, então, com devidas adaptações enfatizar estes dois formatos, caminhos metodológicos, digamos.

Com a oralidade, podemos pensar no uso da leitura expressiva na sala de aula, através do ritmo natural ao cordel, sua musicalidade que o aproxima bastante da música e assim atrai o leitor. Segundo Moisés (2007, p. 6), isso é possível porque “a idade da juventude é propícia à poesia, estão afloradas as curiosidades, imaginação generosa, o espírito crítico aguçado, dúvidas e incertezas”. Ainda segundo o autor, a leitura prazerosa pode ser praticada na sala de aula, o caminho é indicado através de práticas simples: a leitura em voz alta realizada diversas vezes para causar a

compreensão, é uma dessas alternativas estratégicas. Essa compreensão deve ser desenvolvida coletivamente, sugere o autor.

A interpretação é imprescindível para a concretização do letramento literário. De um entendimento coletivo a uma compreensão mais pessoal, particular. “Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido.” (COSSON, 2007, p. 41).

#### 4.1 Cordel – *corpus* da pesquisa

Quando chegou ao Brasil  
O cordel se transformou  
Aqui ganhou vez e voz  
E logo se emancipou  
No Nordeste ele nasceu  
E foi onde se criou

Foi no século dezanove  
Bem pertinho do seu fim  
Que resolveram escrever  
O que cantavam e assim  
O que antes era música  
Virou também folhetim.

Maria do Rosário Cruz (2003).

As três oficinas propostas farão uso dos cordéis a seguir. Reforçamos que um dos cordéis é de autoria de Antônio Barreto e os outros dois de Patativa de Assaré.

- **Canto Lírico de um Sertanejo** (Antônio Barreto (2005)
- **Eu e o sertão** (Patativa do Assaré, 2010)
- **O retrato do sertão** (Patativa do Assaré, 2010)

Como vimos, em consonância com os ideais propostos para esta dissertação, os cordéis escolhidos retratam a vida do homem do semiárido nordestino com suas intempéries, mas também em diversos momentos e situações de superações, persistência e alegrias.

As histórias contadas e recontadas nos referidos cordéis retratam um cenário maior, mais diversificado e potencialmente muito mais vigoroso. No nosso entendimento, bem mais representativo da nossa região. São motivações que demonstram o quanto o semiárido tem a oferecer e o quanto os seus habitantes têm de motivos para sentir orgulho do lugar onde vivem. E, dentre esses habitantes, estão os nossos jovens, adolescentes, nossas crianças – os nossos alunos.

## **4.2 A preparação das oficinas com a sequência básica**

### **Vida no sertão**

Manda chuva para nossa região necessitada,  
Para arbustos e árvores brotarem,  
Pedimos ao Senhor: saúde, força, chuva e a  
região transformada.

Maroli Badaro (2017)

Neste estudo utilizaremos cordéis que retratam a imagem do semiárido nordestino com suas dificuldades, fome, miséria, tendo o sol e a estiagem como personagens principais e a convivência com o semiárido o grande desafio enfrentado pelos habitantes do lugar. As oficinas apresentadas, a seguir, buscam demonstrar as dificuldades, a tristeza e a dor vivenciadas pelos moradores do semiárido, porém, principalmente, a convivência com as provações e superação de todas as adversidades. O cordel “Canto Lírico de um Sertanejo” de Antônio Barreto (2005) será utilizado como texto motivador para provocar a discussão e o conhecimento sobre o semiárido. Nesta obra, o autor faz um apanhado da cultura nordestina, com suas tradições e manifestações culturais, além de retratar a luta do sertanejo no semiárido nordestino para superar todos os percalços e se orgulhar da região em que vive, demonstrando que nela há muito a se vislumbrar.

Buscaremos, em nossa proposta de oficinas, ligação entre o mundo do cordel repleto de imagens que surgem com os acontecimentos narrados e o pensar do aluno com seu mundo e suas representações. Durante a leitura do cordel e as possíveis discussões devem surgir oportunidades diversas de ressignificação do semiárido, lugar de convivência de todos.

Outro cordel que pretendemos trabalhar é intitulado de “Eu e o sertão”, de Patativa do Assaré. O cordel descreve o sertão e a bravura do povo que nele vive.

A metodologia que envolve as atividades acerca do letramento literário, desenvolvidas por Cosson (2007), tem apoio em Pinheiro (1995), quando este autor recomenda a leitura por diversas vezes e interpretação de poemas com núcleos temáticos.

Pensando em turmas de oitavo ano do ensino fundamental e relacionando com a temática que propomos, temos um tema fundamental: lugar onde vivo; o que um simples espaço geográfico pode construir como identidade para os seus habitantes. Tais reflexões deverão provocar nos nossos alunos leitores novas perspectivas de vida, novos olhares para a realidade vivida cotidianamente.

O cordel “Retrato Falado do Sertão”, de Patativa do Assaré, também será utilizado para as oficinas que serão propostas. Nesta obra, o autor descreve a vida no sertão, demonstrando as dificuldades e a luta do nordestino no semiárido, citando, também, suas belezas, suas manifestações culturais e a alegria e satisfação de se viver no sertão.

### **4.3 Proposta de aplicação**

#### **Oficina 1**

##### **Redesenhando o semiárido**

#### **Situando:**

A região semiárida abriga habitantes desde muito antes da chegada dos brancos e tem características próprias que não podem ser limitadas à sua vegetação e ao seu clima. Nas palavras de Malvezzi (2007 p. 9-10):

O Semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol, água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só. Traz consigo uma identidade cultural para além do clima e do bioma. É o Semiárido mais chuvoso do planeta: a pluviosidade é, em média, 750 mm/ano (variando, dentro da região, 250 mm/ano a 800 mm/ano). É também o mais populoso, e em nenhum outro as condições de vida são tão precárias como aqui. O subsolo é formado em 70% por rochas cristalinas, rasas, o que dificulta a formação de mananciais perenes e a potabilidade da água, normalmente salinizada. Por isso, a captação de água de chuva é uma das formas mais simples, viáveis e baratas para se viver bem na região.

Diante disso, cabe a pergunta: se a região não pode ser considerada apenas a partir de seu clima e de sua vegetação, por que sempre foi vista a partir de um conceito de região problema, onde o único elemento considerado costuma ser o fator clima, cujo princípio de combate à seca sempre orientou as ações voltadas para esta região? A partir da caracterização exposta por Malvezzi, fica explícito que a compreensão do Semiárido precisa ser ampla, de modo a considerar as várias dimensões e peculiaridades, desde os aspectos naturais, culturais até sociais e políticos.

Ainda conforme Malvezzi, para entender-se e lembrar o que é a convivência com o semiárido:

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de “acabar com a seca”, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (Malvezzi, 2007, p. 12}

É necessário pois redesenhar o semiárido, desconstruindo a imagem negativa que perdurou e ainda perdura na visão reducionista de muitas pessoas, inclusive em muitos de seus próprios habitantes. Nossos jovens precisam de novas perspectivas. A literatura está aí para isso. E por que não a literatura popular? Por que não a literatura de cordel? A seguir, apresentamos uma proposta de oficina, baseada nas etapas de uma Sequência Básica sugerida por Rildo Cosson, no livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2009). Como veremos, nos permitimos fazer algumas adaptações, visando a uma melhor organização de nossos propósitos.

**Público alvo:**

Alunos do Ensino Fundamental II (8º ano e 9º Ano)

**Conteúdo abordado:**

- Uma nova perspectiva para a ideia de semiárido

**Objetivos:**

- Analisar a ideia de semiárido nos dias atuais
- Reconhecer que o semiárido é uma região de grandes potencialidades
- Apontar possíveis alternativas para um redimensionamento de valores do semiárido

- Identificar no cordel apresentado perspectivas promissoras para visão de um novo semiárido

**Duração da atividade:**

- Quatro aulas de 50 minutos

**Recursos utilizados:**

- Cordel “Canto Lírico de um Sertanejo”
- Vídeo no youtube
- Revistas
- Papel madeira
- Lápis coloridos
- Lápis
- Borracha

**Motivação**

**Vídeo:** Convivência com o semiárido

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=6NioWy-mkKI>

**A vida no semiárido**

- Perguntar aos alunos, interagir com eles sobre dificuldades do semiárido e ações promissoras para essa região presente no vídeo;
- Após a discussão, roda de conversas, dividir a turma em grupos, multiplicar a discussão;

**Introdução**

- Falar um pouco sobre o semiárido e suas características mais conhecidas

**Canto Lírico de um Sertanejo**

Sou do seio das catingas  
Lá das bandas do sertão  
Carrego na veia a essência  
Dos acordes do azulão  
Do açum preto, o sustenido  
Da cigarra, o alarido

Da coruja, a solidão.

Bode deserto no pasto  
 Apartado do rebanho  
 Asa Branca em retirada  
 Cobra que não tem tamanho  
 O tatu-bola escondido  
 Um lobisomem sofrido  
 Assanhaço sem assanho.

Umbuzeiro não dá coco  
 Coco não vira melão,  
 Eu que já nasci caboclo  
 Vou viver lá no sertão

Sou caipira itinerante  
 Águas velozes do rio  
 Bem-te-vi anunciando  
 Que andorinha está no cio  
 O verão queimando a mata  
 Um cachorro vira-lata  
 Todas as noites de frio.

Urubu buscando a presa  
 Papagaio falador  
 Gavião beijando as nuvens  
 Inocente beija-flor  
 Sou preguiça descansando  
 Nessa estrada passeando  
 Sem inveja do condor.

Umbuzeiro não dá coco  
 Coco não vira melão,  
 Eu que já nasci caboclo  
 Vou viver lá no sertão

Sou a imensidão do açude  
 Suas águas cristalinas  
 Lágrimas desatinadas  
 Escorrendo nas colinas  
 Todo o frio das invernadas  
 A solidão das manadas  
 As serpentes assassinas.

Sou o abôio dos vaqueiros  
 Pelos ventos da alegria  
 Nessa estrada empoeirada  
 Seja noite ou luz do dia  
 Sou o berro da manadas  
 As estrelas prateadas  
 A viola e a cantoria.

Umbuzeiro não dá coco  
 coco não vira melão,  
 Eu que já nasci caboclo

vou viver lá no sertão  
 Sou o mistério luminoso  
 Do pequeno vaga-lume  
 Brincadeira de cometas  
 Das rosas, todo o perfume  
 Sou a solidão das rochas  
 O fogo aceso das tochas  
 Das noites, todo o negrume.

Rodas do carro-de-boi  
 Nas estradas do sem fim  
 Com seu gemido sem cura  
 Acenando adeus pra mim  
 Apagando da memória  
 A doce infância de glória  
 Deste louco querubim...

- Falar um pouco sobre o autor
- Colocar as frases abaixo em papéis e depositá-las em uma caixa. Alguns alunos vão até a caixa, retiram um dos papéis e leem em voz alta o papelzinho que tiraram.



### **Antonio Barreto**

- Natural de Santa Bárbara, teve na infância contato com os violeiros e repentistas nas feiras por onde passava, observava atento com um olhar sertanejo;
- Somente em 2004 que Antônio Barreto produz oficialmente por incentivo de amigos cordelistas, como Jotacê Freitas e Antônio Vieira e violeiros, seu primeiro cordel, interagindo com outros cordelistas conhecidos na Bahia;
- Pertencente a uma família de 18 irmãos, como muitas outras crianças do interior da Bahia Barreto só foi alfabetizado aos 10 anos;

- Por necessidade teve que se mudar para Salvador para continuar os estudos secundários;
- Em Salvador ele se fixa, trabalha no Polo Petroquímico e cursa a faculdade de letras;
- Tudo que Barreto escreve tem a ver com o menino do sertão e o homem urbano, que lembra o jovem com muita dificuldade de se relacionar com as pessoas;
- Barreto faleceu no ano de 2019.

### **Leitura**

- Após uma leitura silenciosa, solicitar que alguns alunos leiam uma estrofe do cordel em voz alta;
- Ler para os alunos um trecho do cordel, marcando a musicalidade que possui;
- Falar sobre o semiárido a partir dos versos do poema
- Identificar os pontos positivos e negativos da região semiárida.
- Apontar os aspectos culturais de regiões (estados e cidades) do semiárido
- Identificar personalidades do semiárido;
- Confrontar o vídeo assistido e o cordel lido, identificando aspectos promissores para o semiárido.

### **Interpretação**

- Pedir que cada aluno selecione três versos, imagens ou trechos do poema de que mais gostou;
- Solicitar que a partir dessa seleção, criem um ou mais desenhos representando tais elementos;
  - Caso algum aluno não queira desenhar, pedir para que ele fale livremente sobre o poema ou escreva algo a respeito do cordel;
  - Solicitar que pesquisem sobre histórias de vida que tiveram êxito no semiárido nordestino;
- Solicitar que preencham um quadro comparativo: O semiárido dos vossos pais e o semiárido de vocês;
- Cada aluno ou em grupo, se desejarem, poderão criar um cordel sobre o semiárido;

- Com a ajuda do professor, o discente deverá gravar pequenos vídeos com depoimentos: “O semiárido na minha vida”;
- Vídeos e cordéis criados devem ser socializados com outras turmas, provocando debates, discussões sobre o tema;

## **Oficina 2**

A oficina 2 continuará abordando o tema Semiárido e suas características. Nesta oficina será utilizado um cordel de Patativa do Assaré que tão bem soube poetizar o nosso nordeste e suas riquezas.

### **Público alvo:**

Alunos do Ensino Fundamental II (8º ano e 9º Ano)

### **Conteúdo abordado:**

- O semiárido e suas riquezas naturais e culturais

### **Objetivos:**

- Identificar as riquezas naturais do semiárido
- Reconhecer o semiárido como uma região de manifestações culturais
- Apontar as potencialidades do semiárido
- Identificar no cordel apresentado os aspectos naturais e culturais do semiárido

### **Duração da atividade:**

- Quatro aulas de 50 minutos

### **Recursos utilizados:**

- Cordel “Eu e o sertão”
- Vídeo no youtube
- Revistas
- Papel madeira
- Lápis coloridos
- Lápis
- Borracha

## **Motivação**

**Vídeo:** Cenário nordestino com Valdir Teles e Moacir Laurentino

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=wzViEOtQBmA>

## **O semiárido de belezas e cultura**

- Perguntar aos alunos, interagir com eles sobre as paisagens do semiárido e as manifestações culturais que nele acontecem;
- Após a discussão, roda de conversas, dividir a turma em grupos, multiplicar a discussão;

## **Introdução**

- Apresentar slides e falar um pouco sobre as paisagens do semiárido brasileiro.

## **Eu e o sertão**

Sertão, arguém te canto,  
 Eu sempre tenho cantado  
 E ainda cantando tô,  
 Pruquê, meu torrão amado,  
 Munto te prezo, te quero  
 E vejo qui os teus mistero  
 Ninguém sabe decifrá.  
 A tua beleza é tanta,  
 Qui o poeta canta, canta,  
 E inda fica o qui cantá.

No rompê de tua orora,  
 Meu sertão do Ciará,  
 Quando escuto as voz sonora  
 Do sadoso sabiá,  
 Do canaro e do campina  
 Sinto das graça divina  
 O seu imenso pudê,  
 E com munta razão vejo,  
 Que a gente sê sertanejo  
 É um dos maió prazê.

Sertão, minha terra amada.  
 De bom e sadio crima.  
 Que me deu de mão beijada  
 Um mundo cheio de rima.  
 O teu só é tão ardente,

Que treme a vista da gente  
 Nas parede de reboco,  
 Mas tem milagre e virtude,  
 Que dá corage, saúde  
 E alegria aos teus caboco.

Acho mesmo que ninguém  
 Sabe direito cantá  
 Tanta beleza que tem  
 Tuas noite de luá,  
 Quando a lua sertaneja,  
 Toda amorosa despeja  
 Um grande banho de prata  
 Pro riba da terra intêra  
 E a brisa assopra manêra,  
 Fazendo cosca na mata.

Sertão do Bumba Meu Boi  
 E da armonca de oito baxo,  
 O teu fio sempre foi  
 Corajoso, Cabra Macho;  
 O tempo nunca destrói  
 A fama do teu herói  
 De pernêra e de gibão,  
 Caboco que não resinga  
 Corrê dentro da catinga,  
 Na pega do barbatão.

Tu é belo e é importante,  
 Tudo teu é naturá  
 Inualmente o diamante,  
 Ante de arguém lapida.  
 Deste jeito é que te quero,  
 Munto te estimo e venero,  
 Vivendo assim afastado  
 Da vaidade, do orguio,  
 Guerra, questão e baruio  
 Do mundo civilizado.

Tu veve munto esquecido  
 Dos meio da inducação,  
 Sempre, sempre tem vivido,  
 Sem escola e sem lição.  
 Teu mundo é bem pequenino,  
 Por isso do teu destino,  
 Da tua simplicidade  
 Nasce a fé e a esperança;  
 Tua santa inguinorança  
 Incerra munta verdade.  
 Rescordo com grande amô  
 O meu tempo de rapaz,  
 Tempo qui os ano levou  
 E os desengano não traz,  
 Quando toda noite eu ia  
 Cheio de doce alegria,

Sem infado do trabaio,  
 Uvi, de peito contrito,  
 As oração e os bendito  
 Das festa do mês de maio.

Uma singela bandêra  
 Bem no terrêro se via,  
 Homenage verdadeira  
 Do santo mês de Maria,  
 Na sala, inriba da mesa,  
 Umas quatro vela acesa  
 E de juêio no chão,  
 Uma muié paciente  
 Lendo vagarosamente  
 Com a cartia na mão.

Inquanto lendo seguia  
 Aquela boa sinhora,  
 De quando in vez repetia  
 Bonita jaculatôra;  
 Todo povo acumpanhava  
 E quando a mesma rezava  
 Padre-Nosso e Ave-Maria,  
 De contrição todas cheia,  
 Com suas voz de sereia,  
 As caboca respondia:  
 - Neste mês de alegria,  
 Tão lindro mês de frô,  
 Queremo de Maria  
 Celebrá o seu louvô. –

Sertão amigo, eu tô vendo  
 Que os teus novo camponês,  
 Hoje ainda tão fazendo  
 Aquilo que os veio fez.  
 Que doce felicidade  
 Eu gozei na mocidade,  
 Nesta santa ingorfação!  
 Quando se acabava maio,  
 Já começava os insaio  
 Do santo mês de S. João.

Como o ricaço usuraro  
 Guarda uma moeda de ôro  
 Fiz do meu peito sacraro  
 E guardei estes tesôro.  
 E aqui, dentro do meu peito,  
 Inda tá tudo perfeito,  
 Não mudaro de feição  
 As duas fotografia,  
 Do santo mês de Maria  
 E das festa de S. João.

Como é bom a vida intêra

Passá contente e feliz  
 Sem sabê das bagacêra  
 De país contra país!  
 Caro sertão inocente,  
 Não fugiu de minha mente  
 E nem vai fugi tão cedo  
 As diversão de adivinha,  
 Manêro pau, Cirandinha  
 E muntos ôtro brinquedo.

Hoje sou veio e tô vendo  
 Que já tô perto da morte,  
 Mas porém, morro dizendo  
 Que fui caboco de sorte,  
 Não dou cavaco in murrê,  
 Somente por conhecê  
 Qui há tempo tá reservado  
 In tu, querido sertão,  
 O meu quadrinho de chão  
 Pra nele eu sê sipurtado.

E mesmo depois de morto,  
 Mesmo depois de murrê,  
 Ainda gozo conforto,  
 Ainda gozo prazê,  
 Pois, se é verdade que as arma,  
 Mesmo as que vivero carma  
 E arcançaro a sarvação,  
 Fica vagando no espaço,  
 Os meus caracó eu faço  
 Pro riba do meu sertão.

- Projetar um vídeo sobre o autor do cordel: Patativa do Assaré.



Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=xOWaj8bjVHs>

- Discussão sobre os principais pontos do vídeo

### Leitura

- Após uma leitura silenciosa, solicitar que alguns alunos leiam em voz alta a estrofe de que mais gostou, justificando a sua escolha;
- Copiar no quadro alguns versos citados pelos alunos;
- Falar sobre as paisagens naturais e sobre o aspecto cultural do semiárido a partir dos versos do cordel vivenciado;
- Apontar os aspectos culturais de regiões (estados e cidades) do semiárido
- Destacar as paisagens naturais e os aspectos culturais da região em que vive
- Confrontar o vídeo assistido e o cordel lido, identificando aspectos físicos e culturais.

### **Interpretação**

- Pedir que cada aluno escolha três versos ou trechos do poema de que mais gostou;
- Solicitar que a partir dessa seleção, faça um pequeno comentário sobre o trecho ou versos escolhidos
  - Pedir para que os alunos falem sobre as passagens escolhidas do cordel para toda turma;
  - Solicitar que os discentes tragam na próxima aula gravuras e canções que retratem as paisagens do local onde vivem;
  - Solicitar que tragam também gravuras e canções que representem as manifestações culturais do lugar onde vivem;
  - Em grupo deverão organizar um jogral com versos do cordel vivenciado;
  - A partir das atividades desenvolvidas nesta oficina, criar um novo cordel discorrendo sobre as manifestações culturais do lugar onde vivem;
  - Os cordéis criados deverão ser apresentados no pátio ou em outro lugar que possam ser apreciados por outras turmas da escola;

### **Oficina 3**

A oficina 3 acontecerá fazendo um *retrato falado* do sertão. Patativa do Assaré discorre no seu cordel o prazer de viver no sertão e desfrutar de tudo que ele oferece, como a sua riqueza poética e cultural, entre outros enlevos e bens sociais. É uma

viagem pelas noites enluaradas até o raiar do sol, demonstrando toda a beleza e encantamento que envolvem o semiárido nordestino.

**Público alvo:**

Alunos do Ensino Fundamental II (8º ano e 9º Ano)

**Conteúdos abordados:**

- Retrato falado do sertão

**Objetivos:**

- Identificar os costumes e hábitos do povo nordestino;
- Reconhecer o semiárido como uma região boa para se viver com suas características e cenografia próprias;
- Vislumbrar no semiárido nordestino um cenário propício para a vida cotidiana e de auto realização;
- Identificar no cordel vivenciado o retrato do sertão e suas maravilhas naturais

**Duração da atividade:**

- Quatro aulas de 50 minutos

**Recursos utilizados:**

- Cordel “O Retrato do Sertão”
- Vídeo no youtube
- Revistas
- Papel madeira
- Lápis coloridos
- Lápis
- Borracha

**Motivação**

Vídeo: **O Retrato do Sertão – Patativa do Assaré**

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=tLAAQ3-UyR4>

## **O Retrato falado do sertão**

- Perguntar aos alunos como seria o lugar ideal para eles morarem;
- Anotar as opiniões no quadro
- Após a discussão, roda de conversas, dividir a turma em grupos e comparar as opiniões dos alunos.

### **Introdução**

- Apresentar belas imagens do semiárido brasileiro na televisão e pedir que os alunos descrevam, discutam em sala sobre as imagens que estão vendo.
- Apresentar para os alunos o cordel “O Retrato do sertão”

### **"O retrato do sertão"**

Se o poeta marinheiro  
Canta as belezas do mar,  
Como poeta roceiro  
Quero o meu sertão cantar  
Com respeito e com carinho.  
Meu abrigo, meu cantinho,  
Onde viveram meus pais.  
O mais puro amor dedico  
Ao meu sertão caro e rico  
De belezas naturais.

Meu sertão das vaquejadas,  
Das festas de apartação,  
Das alegres luaradas,  
Das debulhas de feijão,  
Das Danças de S. Gonçalo,  
Das corridas de cavalo  
Das caçadas de tatu,  
Onde o caboclo desperta  
Conhecendo a hora certa  
Pelo canto do nambu.  
É diferente da praça  
A vida no meu sertão;  
Tem graça, tem muita graça  
Uma Noite de São João.  
No clarão de uma fogueira,  
Tudo dança a noite inteira  
No mais alegre pagode,  
E um caboclo bronzeado

Num tamborete sentado  
Tocando no pé de bode.

Os que não querem dançar  
Divertem com adivinha,  
Outros brincam a soltar  
Foguete, traque e chavinha.  
A mulher quer ser comadre  
E o homem quer ser compadre,  
Um ao outro dando a mão.  
Assim, o festejo cresce  
E o sertão todo estremece  
Dando viva a São João.

Se por capricho da sorte,  
Eu sertanejo nasci,  
Até chegar minha sorte  
Eu hei de viver aqui,  
Sempre humilde e paciente  
Vendo, do meu sol ardente  
E da lua prateada,  
Os belos encantos seus  
E escutando a voz de Deus  
No canto da passarada.

Aqui, do mundo afastado,  
Acostumei-me a viver,  
Já nasci predestinado,  
Sabendo amar e sofrer.  
Neste meu sertão bravio,  
Nas belas tardes de estio,  
Da chapada ao tabuleiro,  
Eu louvo, adoro e bendigo  
O ladrar do cão amigo  
E o aboiar do vaqueiro.

Se a clara noite aparece,  
Temos a mesma beleza.  
Tudo é riso, paz e prece,  
E a festa da natureza  
Seu compasso continua.  
A noturna mãe-de-lua  
Solta o seu canto agoureiro,  
Sua funérea risada,  
Vendo a filha imaculada  
Brilhando o sertão inteiro.

Que prazer! que grande gozo,  
Que bela e doce emoção,  
Ouvir o canto saudoso  
Do galo do meu sertão,  
Na risonha madrugada  
De uma noite enluarada!  
A gente sente um desejo,  
Um desejo de rezar

E nesta prece jurar  
Que Jesus foi sertanejo.

Meu sertão, meu doce ninho,  
De tanta beleza rude,  
Eu conheço o teu carinho,  
Teu amor, tua virtude.  
Eu choro triste, com pena,  
Ao ver a tua morena  
Sem letra e sem instrução,  
Boa, meiga, alegre e terna  
Torcendo um fuso na perna,  
Fiando o branco algodão.

Cantei sempre e hei de cantar  
O que o meu coração sente,  
Para mais compartilhar  
Do sofrer de minha gente.  
Com as rimas de meu canto  
Quero enxugar o meu pranto,  
Vivendo só na sodade  
Com esta gente querida,  
Modesta e destituída  
De orgulho, inveja e vaidade.

Esta gente boa e forte  
Para enfrentar consequência,  
Que zomba da própria sorte  
Com sobrada paciência,  
Que trabalha e não se cansa,  
Porque a sua esperança  
É sempre a safra vindoura;  
O sonho do sertanejo,  
Seu castelo e seu desejo  
É sempre o inverno e a lavoura.

Desta gente eu vivo perto,  
Sou sertanejo da gema  
O sertão é o livro aberto  
Onde lemos o poema  
Da mais rica inspiração.  
Vivo dentro do sertão  
E o sertão dentro de mim,  
Adoro as suas belezas  
Que valem mais que as riquezas  
Dos reinados de Aladim.

Porém, se ele é um portento  
De riso, graça e primor,  
Tem também seu sofrimento,  
Sua mágoa e sua dor.  
Esta gleba hospitaleira,  
Onde a fada feiticeira  
Depositou seu condão,  
É também um grande abismo

Do triste analfabetismo,  
Por falta de proteção.

Sou sertanejo e me orgulho  
Por conhecer o sertão  
Durmo na rede e me embrulho  
Com um lençol de algodão.  
De alpercata de rabicho  
Penetro no carrapicho,  
Sofrendo a vida penosa  
Do trabalho do roçado  
E por isso sou chamado  
Poeta de mão calosa.

Da mais cruel desventura  
Conheço o amargo sabor,  
Pois vivo da agricultura,  
Sou poeta agricultor.  
Eu sei com toda certeza  
Como é que vive a pobreza  
Do sertão do Ceará,  
A sua manutenção  
É almoço de feijão  
E a janta de mugunzá.

Sou sertanejo e conheço  
Meu sertão em carne e osso,  
Trabalho muito e padeço  
Com a canga no pescoço,  
E trago no pensamento  
Meu irmão do sofrimento  
Que, no duro padecer,  
Levando o peso da cruz,  
É quem trabalha e produz  
Para a cidade comer.

Eu não ignoro nada  
Deste sertão sofredor  
Que puxa o cabo da enxada  
Sem arado e sem trator.  
Pobre sertão esquecido  
Que já está desiludido  
E não acredita mais  
Nas promessas e nos tratos  
E juras de candidatos  
Nas festas eleitorais.

Meu sertão da sariema,  
Sertão queimado do sol,  
Que não conhece cinema,  
Teatro, nem futebol,  
Sertão de doença e fome  
Onde o pobre assina o nome  
Com uma pena na mão,  
Para, enganado e inocente,

Dar um voto inconsciente  
Quando é tempo de eleição.

Este sertão que persiste  
Soltando os mesmos gemidos  
É qual purgatório triste  
Das almas dos desvalidos.  
Ele não tem providência  
De remédio ou de assistência  
Pra sua gente roceira,  
Dentro do mais pobre quarto  
A mulher morre de parto  
Nos brace da cachimbeira

- O professor apresentará aos alunos uma linha de tempo com as principais informações sobre o autor do cordel vivenciado na oficina 3: Patativa do Assaré.
- Destacar curiosidades sobre o autor.

### **Leitura**

- Solicitar que os alunos façam uma leitura silenciosa do cordel “O Retrato do Sertão”;
- Copiar no quadro palavras-chaves que direcionem para o tema principal do cordel que é o retrato do sertão;
- Discutir com os alunos as imagens que foram criadas na mente de cada um, à medida que foram lendo o cordel;
- Comparar as imagens que vieram a mente de cada um, a partir do cordel com as imagens que algumas pessoas fazem do semiárido nordestino;
- Destacar as paisagens relatadas no cordel;

### **Interpretação**

- Pedir que cada aluno escolha uma estrofe ou passagem do cordel que retrate uma paisagem conhecida do semiárido;
- Solicitar que faça um breve comentário sobre a passagem escolhida para toda turma;
- Solicitar que representem a paisagem escolhida em folhas de ofício, através de desenhos;

- Pedir que tragam na próxima aula fotos tiradas de celular de momentos e paisagens do local onde vivem: nascer do sol, pôr-do-sol, céu estrelado, no caso de Juazeiro do Rio São Francisco, etc
- Montar, no papel madeira, um painel com as fotos e desenhos feitos em sala de aula;
- Observar e tecer comentários sobre o painel construído em conjunto em sala de aula, enfatizando as paisagens e possíveis entendimentos;
- Criar em grupo, ou individualmente, um novo cordel ou cordéis discorrendo sobre as paisagens das fotos reveladas, valorizando o lugar onde vivem;
- O/s cordel/éis criado/s deverão ser apresentados no pátio ou em outro lugar que possam ser apreciados por outras turmas da escola;
- Os painéis devem ser afixados nos murais da escola, demonstrando as paisagens, discussões e interações surgidas.

#### 4.4 Refletindo sobre possíveis dados e resultados

As oficinas sugeridas buscam, a cada etapa, demonstrar um semiárido diferente daquele apresentado por alguns veículos de comunicação e por uma parte da sociedade que insiste em propagar uma imagem deturpada e errônea de uma região cheia de encantos e de potencialidades capazes de despertar amor e orgulho em seus habitantes.

A oficina 1 redesenha o semiárido nordestino, desconstruindo a imagem negativa que circula entre os moradores de outras regiões brasileiras e até dos próprios habitantes do Nordeste. As atividades desenvolvidas na referida oficina mostram um semiárido diferente com grandes potencialidades, inclusive turísticas, desmistificando a imagem de galhos secos, retorcidos, paisagem severa, sem vida e com predominância do sol que provoca calor e a sensação de que a vida humana no local é difícil e precária. Ao final das atividades propostas, espera-se um novo olhar dos discentes sobre o lugar onde vivem, compartilhando com familiares e amigos o sentimento de orgulho e prazer de viver em seu lugar.

Redesenhar o semiárido é necessário para que seja possível vislumbrar uma nova e verdadeira composição visual, cultural, estética do lugar, despindo de qualquer preconceito os habitantes desse torrão de terra.

A oficina 2 destaca as riquezas naturais e culturais do semiárido nordestino. Utilizando um dos grandes cordéis de Patativa do Assaré, retratamos e vivenciamos, nesta atividade letiva, além das paisagens naturais, os aspectos culturais. Espera-se que através desta oficina, o aluno seja capaz de analisar e reconhecer o quão rico é o seu sertão. As noites enluaradas são um espetáculo à parte, as tradições e manifestações culturais um “show” de conhecimento e misticismo. Aqui mesmo na região do São Francisco (Bahia), um aspecto cultural que pode ser bastante explorado na oficina 2 é a tradição dos penitentes, pessoas que durante os quarenta dias da quaresma vagam pelas ruas da cidade, cantando e rezando em cruzeiros e cemitérios, em um grande ritual de fé. Este grupo que transita pelas ruas de Juazeiro/Bahia, geralmente formado por mulheres, está sempre com seus corpos envoltos por um lençol branco, que também serve para cobrir os rostos. São chamadas de “alimentadeiras de almas”.

Assim, espera-se uma preservação das tradições e uma forma diferenciada de se enxergar o semiárido nordestino com esta oficina. É uma oportunidade de mostrar

e demonstrar as paisagens que só vislumbramos aqui e reforçar as manifestações culturais que despertam o misticismo, por exemplo, e embasam uma constante expressão de encantamento. Os alunos provavelmente despertarão para uma nova consciência: o Nordeste pode ser um lugar diferente de se viver.

A oficina 3 traz a ideia, como dissemos, do *retrato falado* do semiárido. Os cenários que a região proporciona sempre valorizam a natureza e os espetáculos que a própria região proporciona. O cordel vivenciado na referida oficina traz o semiárido na sua essência, relatando as dificuldades, que independente de região todos podem enfrentar e ao mesmo tempo fazendo um paralelo às maravilhas que o lugar oferece. A dinâmica mostra que o semiárido, assim como em todo lugar, existem os percalços, mas existem as belezas, o carisma de seu povo e as potencialidades econômicas e turísticas. É no cenário do semiárido que se desenvolve a agricultura irrigada que exporta frutas e verduras para as outras regiões do Brasil, e até para o exterior. Neste mesmo cenário, o turismo tem grande força através das suas ilhas e vinícolas e até no passeio de barco pelo Rio São Francisco. A oficina 3 reforça os diversos cenários que a região oferece, mostrando que a vida aqui, embora apresente algumas dificuldades, não condiz com a imagem, muitas vezes massificada, de que o semiárido é desolador e apenas oferece tristeza, desolação e sofrimento. É, pois, também um lugar de oportunidades, onde é possível se viver bem e com grandes perspectivas.

As oficinas propostas podem ser utilizadas em qualquer escola do Ensino Fundamental II, tendo-se o cuidado, apenas, de fazer devidas adaptações ao lugar onde se vive. Afinal de contas, as paisagens naturais poderão mudar, as manifestações culturais e sociais poderão ser diferentes.

Ressaltamos que as oficinas não foram aplicadas nas turmas de 8º ano do Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna devido, na ocasião, estarmos vivendo um período pandêmico causado pelo COVID 19.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou vida difícil e dura. Sou nordeste brasileiro.  
Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover.  
Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser  
granfino.

(Bráulio Bessa, 2020)

O cordel sempre habitou as regiões nordestinas, tendo forte aceitação e contando e recontando histórias do povo que nestas regiões vivem. O semiárido nordestino sofreu e sofre, hoje de forma mais implícita, discriminação por pessoas que vivem em outras regiões e até mesmo por pessoas que aqui vivem.

O trajeto deste trabalho está focado neste “torrão de terra”, e o seu principal objetivo é o de demonstrar um semiárido diferente, com suas potencialidades, seus encantos, suas riquezas e com realidade diferente daquela propagada por parte da sociedade que, de maneira deturpada, transmite e divulga uma imagem de sofrimento, de seca, fome, miséria. Através das oficinas apresentadas, utilizamos o cordel para mostrar uma outra face possível do semiárido nordestino.

Salientamos, mais uma vez, que as oficinas não puderam ser aplicadas por estarmos enfrentando, na ocasião, a pandemia da COVID 19. No entanto, as oficinas propostas neste trabalho para turmas do Ensino Fundamental II são totalmente viáveis e podem apresentar resultados satisfatórios. Sim, uma forma de (re)afirmação da nordestinidade dos alunos do nosso semiárido.

É necessário devolver aos alunos do Nordeste a autoestima perdida em meio aos comentários maldosos, às falas inconsequentes e ao preconceito que sempre existiu e ainda existe em relação ao Nordeste brasileiro. A imagem do semiárido nordestino precisa ser (re)construída. Uma imagem digna, que rompa com ideologias ultrapassadas, estereótipos já definidos.

O cordel é um forte aliado nesta (re)construção, uma vez que canta e encanta ao contar e recontar todas as histórias, sentimentos e vivências de um povo que desde muito cedo aprendeu a ser, antes de tudo, um (povo) forte.

Como visto, escolhemos três poemas de cordel para compor o *corpus* da nossa pesquisa. Um poema de Antonio Barreto e dois do poeta cearense Patativa do Assaré, estes extraídos do seu livro *Cante lá que eu canto cá* (2014). As temáticas projetam

as dores históricas do Nordeste, como fome, pranto e seca. No entanto, redesenham o chão sertanejo, o semiárido nordestino. É por demais perceptível a provocação, nos poemas, para o despertar nos leitores/ouvintes de novos olhares, novos entendimentos da realidade circundante, novas perspectivas de vida.

Entendemos que jovens e adolescentes nordestinos que frequentam o oitavo ano no Ensino fundamental, independentemente da escola que frequentem, estão em idade e fase ideal para a percepção de novas abordagens de sua vida. São alunos ansiosos por novidades que rediscutam a sua região, os comportamentos estabelecidos, padrões de vida historicamente definidos.

A arte, a literatura de cordel com a sua poesia de força popular, direta, *conversa* vigorosamente com essa juventude. Muito dificilmente um jovem não aprecie o cordel. É comum que se encante com a linguagem popular, ritmo, melodia do texto, e um conteúdo que lhe parece conhecido, saído de dentro da sua própria casa, e assim sedimentador da sua própria identidade.

Seguimos com a Sequência Básica de Cosson, respeitando as suas etapas, mas também ousando pequenas adaptações, particularmente no que diz respeito à oralidade dos alunos, exercícios de verbalização em sala de aula.

Intencionávamos aplicar efetivamente as oficinas, verificar, com dados aferíveis, a eficácia do nosso planejamento. Mas fomos impedidos de atitudes presenciais por força maior. Assim, optamos pela aplicação teórica, simulada das oficinas.

Os dados aqui apresentados são dados possíveis, hipotéticos, considerados principalmente os textos escolhidos, faixa etária da turma e nível de ensino para as oficinas planejadas.

Finalmente, pensamos também em construir um produto, isto é, um pequeno caderno, uma espécie de cartilha que condensasse a nossa dissertação, apresentando um texto ágil, prático, de fácil manuseio. Um produto a mais na escola para consultas futuras de alunos e professores. No entanto, não nos foi possível, por razões diversas, concretizar este ideal.

## REFERÊNCIAS

- ACOPIARA, Moreira de. **Nos Caminhos da Educação**. São Paulo: 2007.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALMEIDA, Paulo Tarciso Freire de. **Caatinga Declamada**. Disponível em: <https://bit.ly/3G1c24q> Acesso em: 29 de abril de 2022.
- ANDRADE, Mário de. **Na Pancada do Ganzá**. in: Arte em Revista. Questão Popular, Ano 2, Nº 3. Ed. Kairós Livraria, São Paulo, 1980.
- ÂNGELO, Assis. Uma breve história do cordel. Revista Cultura Crítica Revista Cultural da aprocuc - sp n6 - 2º semestre de 2007
- ASSARÉ, Patativa do. Entrevista. [Out. 1992]. Entrevistador: Ivan Maurício. Fortaleza, 2010.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes/Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 1992.
- ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.
- AYALA, Marcos e AYALA, Maria Inez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ed.Ática,1987
- BADARO, Maroli. **Vida no sertão**. 2017. Site Recanto das letras. Disponível em:< <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/5940624>>. Acesso em: 25 de junho de 2022.
- BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. **Canto lírico de um sertanejo**. 2ª. edição. Salvador, BA: Edições Akadicadikum, 2005. p.8 (Literatura de Cordel) 10,5x14,5 cm.
- BERG, M. **O Caminho**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- BRALTAR, Brígida. **Caderno da Exposição Sertão Contemporâneo**, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura Popular e Educação, Salto para o Futuro**. Brasília: Ministério da Educação, 2008
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Volume1. Brasília, 2006.

BRASIL, PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental Brasília: 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1980.

CARVALHO, Francisco. **Raízes da voz**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001. p. 332. 10ª ed.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. **Itinerários de leitura no espaço escolar**. In: Revista da FAEEBA/ Revista da FAEEBA/ Revista da FAEEBA/Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v.I, nº I, jan./jun., 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CRUZ, M. R. L. **A história do cordel**. [S.1], 2003. Folheto de cordel.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Princips, 2020.

CUNHA, L.A. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

DIEGUES JÚNIOR, M. et al.; **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977

GALVÃO, A.M.O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Um projeto de Mário de Andrade**. Arte em revista. Questão O Popular, ano 2, n. 3, março de 1980, p. 52-53.

LOUREIRO NETO, A. S. **Análise argumentativa do discurso acadêmico a partir de representações discursivas da literatura de cordel em dissertações de mestrado**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021 (não publicada)

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **A Dimensão Afetiva na Educação Popular**. João Pessoa: UFPB, 2003. (Caderno de Educação Popular).

MALVEZZI, R. Fazer Água. In:\_\_\_\_\_. **Água de Chuva: O segredo de Convivência com o Semi-Árido Brasileiro**. São Paulo: Paulinos, 2007.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, C. Estevam. **História do C.P.C. In: Arte em Revista – Questão Popular**, Ano 2, Nº 3. São Paulo: Ed. Kairós Livraria, 1987.

MATOS, Edilene. **Literatura de Cordel: escuta de uma voz poética**. Revista Cultura Crítica. Revista Cultural da apropuc-sp nº6-2º semestre de 2007.

MELO, Veríssimo. **Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais**. In: LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel: antologia**. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

MEURER, José Luiz. **Uma Dimensão Crítica do Estudo de Gêneros Textuais**. In: \_\_\_\_\_; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org). **Gêneros Textuais**. Baurú-SP: EDUSC, 2002.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

NÓBREGA, Maria Luciana da Silva. **Educação e Convivência com o semiárido: Reflexões por dentro da UNEB**. Juazeiro: UNEB, 2011.

OLIVEIRA, Tâmara Lyz Milhomem de. **Cordel e Linguagem: Múltiplas Relações**. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/>>. Acesso em 08 novembro de 2018.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura: Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília: MEC/ SEB/ DPPEM, 2004.

PAULINO, Thiago da Silva. **Cordel Informativo: Tecendo a Trama Entre Cultura Popular e Cultura Midiática**. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo\\_7327.html](http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7327.html) />. Acessado em: 10. out. 2022.

PEDROSA, Mário. **Arte Culta e Arte Popular**. Arte em Revista, nº 3, 1980.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Parábola Editorial, 2018.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 9 – 10.

RESAB. REDE DE EDUCAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Diretrizes da Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Juazeiro – BA: Selo Editorial RESAB, 2006.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SILVA COSTA, René Marc da. **Cultura popular, linguagens artísticas e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2006.

SUASSUNA, A. **O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e Volta-romance armorial-popular brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971

TAVARES JÚNIOR, Luiz. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: Os Folhetos e a Fundação Circunstancial**. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream>>. Acesso em 08 de nov de 2022.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Encaixe, 2010

## ANEXOS



### Canto Lírico de um Sertanejo

Sou do seio das catingas  
 Lá das bandas do sertão  
 Carrego na veia a essência  
 Dos acordes do azulão  
 Do aqum preto, o susenido  
 Da cigarra, o alarido  
 Da coruja, a solidão.

Bode deserto no pasto  
 Apartado do rebanho  
 Asa Branca em retirada  
 Cobra que não tem tamanho  
 O tatu-bola escondido  
 Um lobisomem sofrido  
 Assanhaço sem assanho.

Umbuzeiro não dá coco  
 Coco não vira melão,  
 Eu que já nasci caboclo  
 Vou viver lá no sertão

Sou caipira itinerante  
 Águas velozes do rio  
 Bem-te-vi anunciando  
 Que andorinha está no cio

O verão queimando a mata  
Um cachorro vira-lata  
Todas as noites de frio.

Urubu buscando a presa  
Papagaio falador  
Gavião beijando as nuvens  
Inocente beija-flor  
Sou preguiça descansando  
Nessa estrada passeando  
Sem inveja do condor.

Umbuzeiro não dá coco  
Coco não vira melão,  
Eu que já nasci caboclo  
Vou viver lá no sertão

Sou a imensidão do açude  
Suas águas cristalinas  
Lágrimas desatinadas  
Escorrendo nas colinas  
Todo o frio das invernadas  
A solidão das manadas  
As serpentes assassinas.

Sou o abôio dos vaqueiros  
Pelos ventos da alegria  
Nessa estrada empoeirada  
Seja noite ou luz do dia  
Sou o berro da manadas  
As estrelas prateadas  
A viola e a cantoria.

Umbuzeiro não dá coco  
coco não vira melão,  
Eu que já nasci caboclo  
vou viver lá no sertão  
Sou o mistério luminoso  
Do pequeno vaga-lume  
Brincadeira de cometas  
Das rosas, todo o perfume  
Sou a solidão das rochas  
O fogo aceso das tochas  
Das noites, todo o negrume.

Rodas do carro-de-boi  
Nas estradas do sem fim  
Com seu gemido sem cura  
Acenando adeus pra mim  
Apagando da memória

A doce infância de glória  
Deste louco querubim...



### Eu e o sertão

Sertão, arguém te canto, Eu sempre tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistero  
Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,  
E inda fica o qui cantá.

No rompê de tua orora,  
Meu sertão do Ciará,  
Quando escuto as voz sonora  
Do sadoso sabiá,  
Do canaro e do campina  
Sinto das graça divina  
O seu imenso pudê,  
E com munta razão vejo,  
Que a gente sê sertanejo  
É um dos maió prazê.

Sertão, minha terra amada.

De bom e sadio crima.  
 Que me deu de mão beijada  
 Um mundo cheio de rima.  
 O teu só é tão ardente,  
 Que treme a vista da gente  
 Nas parede de reboco,  
 Mas tem milagre e virtude,  
 Que dá corage, saúde  
 E alegria aos teus caboco.

Acho mesmo que ninguém  
 Sabe direito cantá  
 Tanta beleza que tem  
 Tuas noite de luá,  
 Quando a lua sertaneja,  
 Toda amorosa despeja  
 Um grande banho de prata  
 Pro riba da terra intêra  
 E a brisa assopra manêra,  
 Fazendo cosca na mata.

Sertão do Bumba Meu Boi  
 E da armonca de oito baxo,  
 O teu fio sempre foi  
 Corajoso, Cabra Macho;  
 O tempo nunca destrói  
 A fama do teu herói  
 De pernêra e de gibão,  
 Caboco que não resinga  
 Corrê dentro da catinga,  
 Na pega do barbatão.

Tu é belo e é importante,  
 Tudo teu é naturá  
 Inualmente o diamante,  
 Ante de arguém lapida.  
 Deste jeito é que te quero,  
 Munto te estimo e venero,  
 Vivendo assim afastado  
 Da vaidade, do orguio,  
 Guerra, questão e baruio  
 Do mundo civilizado.

Tu veve munto esquecido  
 Dos meio da inducação,  
 Sempre, sempre tem vivido,  
 Sem escola e sem lição.  
 Teu mundo é bem pequenino,  
 Por isso do teu destino,  
 Da tua simplicidade

Nasce a fé e a esperança;  
 Tua santa inguinorança  
 Incerra munta verdade.  
 Rescordo com grande amô  
 O meu tempo de rapaz,  
 Tempo qui os ano levou  
 E os desengano não traz,  
 Quando toda noite eu ia  
 Cheio de doce alegria,  
 Sem infado do trabaio,  
 Uvi, de peito contrito,  
 As oração e os bendito  
 Das festa do mês de maio.

Uma singela bandêra  
 Bem no terrêro se via,  
 Homenage verdadeira  
 Do santo mês de Maria,  
 Na sala, inriba da mesa,  
 Umas quatro vela acesa  
 E de juêio no chão,  
 Uma muié paciente  
 Lendo vagarosamente  
 Com a cartia na mão.

Inquanto lendo seguia  
 Aquela boa sinhora,  
 De quando in vez repetia  
 Bonita jaculatória;  
 Todo povo acumpanhava  
 E quando a mesma rezava  
 Padre-Nosso e Ave-Maria,  
 De contrição todas cheia,  
 Com suas voz de sereia,  
 As caboca respondia:  
 - Neste mês de alegria,  
 Tão lindro mês de frô,  
 Queremo de Maria  
 Celebrá o seu louvô. –

Sertão amigo, eu tô vendo  
 Que os teus novo camponês,  
 Hoje ainda tão fazendo  
 Aquilo que os veio fez.  
 Que doce felicidade  
 Eu gozei na mocidade,  
 Nesta santa ingorfação!  
 Quando se acabava maio,  
 Já começava os insaio  
 Do santo mês de S. João.

Como o ricaço usuraro  
Guarda uma moeda de ôro  
Fiz do meu peito sacrarô  
E guardei estes tesôro.  
E aqui, dentro do meu peito,  
Inda tá tudo perfeito,  
Não mudaro de feição  
As duas fotografia,  
Do santo mês de Maria  
E das festa de S. João.

Como é bom a vida intêra  
Passá contente e feliz  
Sem sabê das bagacêra  
De país contra país!  
Caro sertão inocente,  
Não fugiu de minha mente  
E nem vai fugi tão cedo  
As diversão de adivinha,  
Manêro pau, Cirandinha  
E muntos ôtro brinquedo.

Hoje sou veio e tô vendo  
Que já tô perto da morte,  
Mas porém, morro dizendo  
Que fui caboco de sorte,  
Não dou cavaco in morrê,  
Somente por conhecê  
Qui há tempo tá reservado  
In tu, querido sertão,  
O meu quadrinho de chão  
Pra nele eu sê sipurtado.

E mesmo depois de morto,  
Mesmo depois de morrê,  
Ainda gozo conforto,  
Ainda gozo prazê,  
Pois, se é verdade que as arma,  
Mesmo as que vivero carma  
E arcançaro a sarvação,  
Fica vagando no espaço,  
Os meus caracó eu faço  
Pro riba do meu sertão.



### "O retrato do sertão"

Se o poeta marinheiro  
 Canta as belezas do mar,  
 Como poeta roceiro  
 Quero o meu sertão cantar  
 Com respeito e com carinho.  
 Meu abrigo, meu cantinho,  
 Onde viveram meus pais.  
 O mais puro amor dedico  
 Ao meu sertão caro e rico  
 De belezas naturais.

Meu sertão das vaquejadas,  
 Das festas de apartação,  
 Das alegres luaradas,  
 Das debulhas de feijão,  
 Das Danças de S. Gonçalo,  
 Das corridas de cavalo  
 Das caçadas de tatu,  
 Onde o caboclo desperta  
 Conhecendo a hora certa  
 Pelo canto do nambu.

É diferente da praça  
 A vida no meu sertão;  
 Tem graça, tem muita graça  
 Uma Noite de São João.  
 No clarão de uma fogueira,  
 Tudo dança a noite inteira  
 No mais alegre pagode,  
 E um caboclo bronzeado  
 Num tamborete sentado

Tocando no pé de bode.

Os que não querem dançar  
Divertem com adivinha,  
Outros brincam a soltar  
Foguete, traque e chuinha.  
A mulher quer ser comadre  
E o homem quer ser compadre,  
Um ao outro dando a mão.  
Assim, o festejo cresce  
E o sertão todo estremece  
Dando viva a São João.

Se por capricho da sorte,  
Eu sertanejo nasci,  
Até chegar minha sorte  
Eu hei de viver aqui,  
Sempre humilde e paciente  
Vendo, do meu sol ardente  
E da lua prateada,  
Os belos encantos seus  
E escutando a voz de Deus  
No canto da passarada.

Aqui, do mundo afastado,  
Acostumei-me a viver,  
Já nasci predestinado,  
Sabendo amar e sofrer.  
Neste meu sertão bravio,  
Nas belas tardes de estio,  
Da chapada ao tabuleiro,  
Eu louvo, adoro e bendigo  
O ladrar do cão amigo  
E o aboiar do vaqueiro.

Se a clara noite aparece,  
Temos a mesma beleza.  
Tudo é riso, paz e prece,  
E a festa da natureza  
Seu compasso continua.  
A noturna mãe-de-lua  
Solta o seu canto agoureiro,  
Sua funérea risada,  
Vendo a filha imaculada  
Brilhando o sertão inteiro.

Que prazer! que grande gozo,  
Que bela e doce emoção,  
Ouvir o canto saudoso  
Do galo do meu sertão,

Na risonha madrugada  
De uma noite enluarada!  
A gente sente um desejo,  
Um desejo de rezar  
E nesta prece jurar  
Que Jesus foi sertanejo.

Meu sertão, meu doce ninho,  
De tanta beleza rude,  
Eu conheço o teu carinho,  
Teu amor, tua virtude.  
Eu choro triste, com pena,  
Ao ver a tua morena  
Sem letra e sem instrução,  
Boa, meiga, alegre e terna  
Torcendo um fuso na perna,  
Fiando o branco algodão.

Cantei sempre e hei de cantar  
O que o meu coração sente,  
Para mais compartilhar  
Do sofrer de minha gente.  
Com as rimas de meu canto  
Quero enxugar o meu pranto,  
Vivendo só na sodade  
Com esta gente querida,  
Modesta e destituída  
De orgulho, inveja e vaidade.

Esta gente boa e forte  
Para enfrentar consequência,  
Que zomba da própria sorte  
Com sobrada paciência,  
Que trabalha e não se cansa,  
Porque a sua esperança  
É sempre a safra vindoura;  
O sonho do sertanejo,  
Seu castelo e seu desejo  
É sempre o inverno e a lavoura.

Desta gente eu vivo perto,  
Sou sertanejo da gema  
O sertão é o livro aberto  
Onde lemos o poema  
Da mais rica inspiração.  
Vivo dentro do sertão  
E o sertão dentro de mim,  
Adoro as suas belezas  
Que valem mais que as riquezas  
Dos reinados de Aladim.

Porém, se ele é um portento  
De riso, graça e primor,  
Tem também seu sofrimento,  
Sua mágoa e sua dor.  
Esta gleba hospitaleira,  
Onde a fada feiticeira  
Depositou seu condão,  
É também um grande abismo  
Do triste analfabetismo,  
Por falta de proteção.

Sou sertanejo e me orgulho  
Por conhecer o sertão  
Durmo na rede e me embrulho  
Com um lençol de algodão.  
De alpercata de rabicho  
Penetro no carrapicho,  
Sofrendo a vida penosa  
Do trabalho do roçado  
E por isso sou chamado  
Poeta de mão calosa.

Da mais cruel desventura  
Conheço o amargo sabor,  
Pois vivo da agricultura,  
Sou poeta agricultor.  
Eu sei com toda certeza  
Como é que vive a pobreza  
Do sertão do Ceará,  
A sua manutenção  
É almoço de feijão  
E a janta de mugunzá.

Sou sertanejo e conheço  
Meu sertão em carne e osso,  
Trabalho muito e padeço  
Com a canga no pescoço,  
E trago no pensamento  
Meu irmão do sofrimento  
Que, no duro padecer,  
Levando o peso da cruz,  
É quem trabalha e produz  
Para a cidade comer.

Eu não ignoro nada  
Deste sertão sofredor  
Que puxa o cabo da enxada  
Sem arado e sem trator.  
Pobre sertão esquecido

Que já está desiludido  
E não acredita mais  
Nas promessas e nos tratos  
E juras de candidatos  
Nas festas eleitorais.

Meu sertão da sariema,  
Sertão queimado do sol,  
Que não conhece cinema,  
Teatro, nem futebol,  
Sertão de doença e fome  
Onde o pobre assina o nome  
Com uma pena na mão,  
Para, enganado e inocente,  
Dar um voto inconsciente  
Quando é tempo de eleição.

Este sertão que persiste  
Soltando os mesmos gemidos  
É qual purgatório triste  
Das almas dos desvalidos.  
Ele não tem providência  
De remédio ou de assistência  
Pra sua gente roceira,  
Dentro do mais pobre quarto  
A mulher morre de parto  
Nos brace da cachimbeira